



REDATORES:

PALMIRO ROCHA

DUILIO CHRISPIM FARINA

OSWALDO PAULO FORATTINI

ARMANDO BOTTER BERNARDI

(Registrado no DIP)

Órgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Ano XII - Núm. 42  
Agosto de 1944

Secretário:  
JOSE' MARTINS DE BARROS

Diretor:  
JOAO BELLINE BURZA

Redator-chefe:  
HERMELINO HERBSTER GUSMÃO

**"PRECIPUAMENTE, COMPETE-NOS SER BONS MÉDICOS, COM UMA ORIENTAÇÃO GERAL PARA A PRÁTICA E LABOR DA VIDA COTIDIANA. DESDOBREMOS COM VIGOR O NOSSO ESFORÇO PARA A CONQUISTA DOS CONHECIMENTOS E ARMAS CRESCENTES DA MEDICINA"**

**"ESTA É A GRANDE HORA DE CADA UM SABER COMO AMAR E MELHOR SERVIR À PÁTRIA, AO POVO E À LIBERDADE!"**

**DISCURSO DO NOSSO PRIMEIRO ORADOR - JOAO BELLINE BURZA - PROFERIDO NA NOITE DE TREZE DE JUNHO, AO INSTALAR-SE BRILHANTEMENTE O DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL DO C.A.O.C.**

*(Eu perguntei se nas realidades da vida aí fora, não tinha mais tarefa e luta para nós, amigo. Eles não me responderam, não tinham coragem, mas eu sentia que nenhuma força podia apagar a minha voz, amigo.)*

*E a nossa legião renovadora se veio gerando, aglutinando todas as consciências moças.*

*Pois, o nosso movimento precisava eclodir como o sangue de uma carótida aberta. Ele é mais transcendental, amigo.*

*Não se arrasta apenas pela terra pequena das contingências humanas. As nossas necessidades são as suas raízes profundas e o nosso idealismo é grande como o povo, amigo, e reto como um raio de luz também.)*

Na solenidade de instalação de seu Departamento de Medicina Social, o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tem a honra de receber, como convidado especial e para conferencista de hoje, a muito digno representante da Fundação Rockefeller em São Paulo e exmo. sr. dr. Haroldo D. Chepe.

Em primeiro lugar, aqui vimos anunciar, de público, nosso reconhecimento e a nossa homenagem a essa benemerita Organização, que, desde 1916, vem procurando desenvolver, em nosso País e particularmente em São Paulo, iniciativas e realizações as mais diversas, em prol do ensino médico e da melhor distribuição da saúde entre o povo, e ainda outras, sempre pelo desenvolvimento de nossa terra.

Aí está, como um exemplo, o edifício central dos laboratórios da Faculdade de Medicina, a atestar uma das mais marcantes de suas obras.

Entretanto, por motivos que não nos cabem agora analisar nem discutir, ilustre e prestigioso técnico sanitário norte-americano acha-se prestes a retornar aos Estados Unidos, por se verem temporariamente interrompidas as atividades dos escritórios da Rockefeller em nosso Estado.

Nesta oportunidade, queremos sugerir ao Governador do Estado melhor atente sobre o caso, no sentido de não aceitar se ausente de entre nós o muito digno representante da Rockefeller e de aproveitar um dos Centros de Higiene do Departamento de Saúde, para ser transformado em um Centro de Saúde Modelo, conforme era a intenção primitiva da Fundação.

Esperamos ardentemente continue a Missão Rockefeller a sua tarefa incessante em benefício geral de todos.

Doutor Chepe! Antes pelo que vós sois e depois, pelo que representais, levai convosco as expressões mais sinceras do maior respeito e extrema simpatia, em louvor de vós, e a nossa fraternal saudação à vossa grande Pátria!

\* \* \*

Senhores! Para Orientador do Departamento de Medicina Social, do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, recai a nossa escolha unânime, dentre os nossos proclamos mestres, naquele que é emérito e dedicado, índice positivo dos mais altos em nossa Escola, porque extraordinário espírito, independente, franco e justiciero, patriota e idealista, intrinsecamente ante os males; um nosso amigo maior: o Prof. Samuel Pessoa!

Reunidos, também, os diretores das principais associações médicas de São Paulo, assistimos, sem dúvida, a uma festa de confraternização da classe.

Precipadamente, compete-nos ser bons médicos, com uma orientação geral para a prática e labor da vida cotidiana.

Desdobremos, com vigor, o nosso esforço para a conquista dos conhecimentos e armas crescentes da Medicina!

\* \* \*

Enfim, esta é a hora de se deverem despir as nossas palavras de toda roupagem colorida, artificiosa, falseadora e prosaica, para se revestirem da grande transparência do negro, duro, áspero e amargo das realidades.

E não fiquemos nas palavras, somente!

Desgarramo-nos, por um instante, dos risos, das loucuras do calor da mocidade, para arcarmos o nosso corpo, nossa ideia a nossa força, com o fardo da nossa vontade do nosso desejo, de não desperdiçarmos inutilmente a nossa vida e sim algo fazermos, não nos fechando nos interesses próprios, mas dando um pouco de nós mesmos ao bem e felicidade de outrem.

Nós, que sabemos entender e amar a música e a poesia, e as paixões do amor, deixamos também isso à parte, e a beleza e arte da natureza, para contemplarmos um pouco meditar, sobre o maior dos quadros, aos nossos olhos sensibilidade: as misérias e a dor do homem...

Temos de chegar mais perto e sentir melhor o fundo e íntimo de nossa terra. Devemos realizar a nossa integração ativa dentro do coração do povo.

É mister auscultar-lhe reconhecer-lhe as primeiras verdadeiras necessidades. Urge cuidar, portanto, da saúde e da educação dessa gente que é nossa, sem o que nenhum esforço vingará pelo progresso e grandexa da Pátria.

Eis o marco inicial, de partida e de marcha, da consciência e das responsabilidades de qualquer bom brasileiro.

Precisamos colher e clarear os dados os problemas de nosso País: estudar as nossas moléstias endêmicas, os seus fatores mesológicos particulares, as suas características especiais, parasitárias, infecciosas e de condição social; e identificar a medicina brasileira propriamente dita.

O Brasil não é São Paulo, apenas, com as suas escolas, as suas fábricas e caseais e sua febre de produzir; nem o Rio de Janeiro, com as suas maravilhas, as suas palácios oficiais e as suas mulheres baídas pelas ondas do mar; nem as Minas Gerais, com as suas montanhas de ferro, e sua desambição; os seus costumes tranquilos; nem a Bahia, das igrejas velhas e da macumba; o Sul, dos prun-

pas e madeiras; o Nordeste, do engenho e das praias e lagoas beijadas de candente sol; Goiás, dos garimpos; Amazonas, dos seringueiros, longínquo...

Caminheemos um pouco mais pela Pátria estreitada!

O Brasil é, sobretudo, esse chão, brasileiro, sem fim:

... e as suas matas brutas e rios, de pedras bruscas e de águas cheias, que carregam malícia, também;

o seu sertão, virgem, perdido, das bandeiras, do gorgoleio das aves e dos mosquitos nas ninhadas;

os seus prados e bosques, com mais viço e com mais flores, e as suas charnecas tilosas; e os seus campos e morros tão férteis, onde tudo que se planta dá, semeado de amarelo e somente as benzeduras do benzedor;

e os seus sítios e roças, onde o patrão explora o colono e a incauta cabrochinha, e o caboclo é enfermigo, indolente e cediado, que não tem pra comprar roupa e comida, a garganta queimando à pinga, pra queimar as máquinas;

as suas aldeias, onde o moço sem ideal escreve chorosos p'equismos e vive pelas ruas ou nas mesas de boteliquim;

as suas cidades, onde alguns tudé acumulam, propriedade, capital, luxo e apetites, os operários sem número anônimos são cor de cera e lúcticos, neurastênicos, escravizados pelo dinheiro ou na lufusão de um melhor porvir;

... e os seus artanhar-céus com cortiços misturados, onde mora o contraste, a promiscuidade ao lado dos que se não misturam a ninguém;

e os seus milheiros e milheiros de almas, com a fome, a doença e a pobreza no corpo, e a cabeça que não sabe ler...

O Brasil não é, também, o rico bastardo que guarda juro, joga no truste e no câmbio, manobra preço do feijão e do sonho da pequena burguesia inferiorizada; nem os mais afortunados que frequentam a universidade ou os chás das casas finas; nem as meninas casadeiras que fazem ponto chique na missa ou no cinema; nem os filhinhos dos berços de setim...

O Brasil é, principalmente:

a mãe tuberculosa e sem tela, criança raquítica e no abandono, o homem sem sorte, anêmico, sub-alimentado, analfabeto e fraco,

que, por isso, não compreende e nem pode trabalhar para si e pelo Brasil!

\* \* \*

Ao médico, não há fugir a visão de toda essa poiaçagem, já tanto e por tantas revelada.

Ele — que estuda melhor e melhor indaga o complexo psico-somático do indivíduo e o orga-

nismo e conciente e inconciente dos homens, e que vem sempre e sempre lutando contra a dor, a doença, a morte — não será cético-irônico indiferente, ante o abismo desses sombras?

O seu lugar não repete, porém, a figura do médico legendário, que levava o remédio, a coragem e o alívio e que era um deus ao penetrar os lares:

porque hoje as sociedades se complicaram demais no seu mecanismo e nos seus instintos, até se falar em socialização da medicina, dentro de atmosfera capitalista...

Mais que nunca, então, cabe ao médico, na sociedade, cumprir o seu dever e o seu papel!

\* \* \*

Enfim, esta é a hora de reagir de combater, em nome do Ideal!

É grande hora de cada um saber como amar e melhor servir à Pátria, ao Povo e à Liberdade!

Somos pela Verdade e favor do Povo! Consideremos nossos amigos a todos que servirem fielmente à justa Causa que anima o sentimento e a esperança da humanidade!

Aprendamos com a crítica da História e com a experiência das mil ruínas e sangue da Europa: da velha Europa, que bebeu os ensinamentos da Grécia antiga e de Roma, que nos derramou as luzes presentes da civilização ocidental que está sendo triturada!

Auxiliemos o esforço de guerra contra os totalitários, para apressarmos a vitória e a solução equilibrada dos graves problemas da paz!

Preparemos, assim, para a nossa geração ou para as gerações vindouras, a estrutura e as bases de uma nova análise social, dentro de uma efetiva necessária ordem democrática, ao menos capaz de resolver as elementares questões para o futuro da nossa Pátria Brasileira de qualquer pátria: saneamento e profilaxia das regiões rurais e urbanas e a triplata disciplina, educacional, moral e mental, das populações!

Já é longa e pesada a noite de tormental, O mundo ansia pela aurora!

Eu vos pergunto:

Até quando não despertarão as boas-relações entre os povos, as nações livres e iguais, sem mistérios, burocráticos, demagógicos, tirânicos, ou outros subterfúgios ou poderes da mediocridade, mas com lugar, oportunidades para a paz a todos os homens?

Esja dado, a cada um: "segundo o seu valor e segundo as suas necessidades!"

Hoje, eu vos digo:

Saibamos honrar aqueles que tombam pela Liberdade!

“O BISTURI”

Órgão oficial do Centro Acadêmico  
“Oswaldo Cruz”

Faculdade de Medicina da Universidade  
de São Paulo

(REGISTADO NO DIP).

Diretor: João Belline Burza  
Secretário: José Martins de Barros  
Redator-chefe: Hermelino Herbster Guzmã

Redatores: Palmiro Rocha  
Dulão Chrispim Farina  
Oswaldo Paulo Forattini  
Armando Botter Bernardi

O “BISTURI” aceita colaborações dos colegas da nossa — de outras Faculdades e que poderão ser entregues a qualquer dos Redatores, mesmo se publicadas ao nosso Diretor, João Belline Burza, no Sertório B. Vista (Rua Iguatemi, 9 - Itaim). Os originais deverão ser escritos à máquina e assinados, mesmo se publicados sob pseudônimo. A Redação não se responsabiliza pelas idéias e opiniões dos seus colaboradores e reserva-se o direito de publicar ou não os artigos recebidos.

**NOSSOS BAILES, NOSSAS FESTAS...**

Antigamente a Escola era risonha franca.

Ah, isso era, nem se discute!... Ha alguns anos atrás, eu bem me lembro, a Faculdade dava gosto! Não que a Anatomia fosse mais suave ou a Patologia menos espinhosa. Os Fôcas similares vêm de longa data chateando as gerações estudantinas, e as Anatomias já punham à prova o centro da decoração de todos os C. D. F. e os esportistas também eram os únicos a passearem em caravanas... Mas... Aqui é que está a diferença:

Mas o Centro proporcionava aos seus associados uma tantas coisas que alegravam a monotonia do ano escolar, quebrado apenas pelo bombardeio dos exames, uma ou outra greve ou assembleia, o trote ao calouro.

Havia “naqueles tempos” (tempinho da mocidade do Veloso e do Bonilha), para começar, a festa da posse da Diretoria, em março ou abril, com discursinhas e número de palco pelos alunos e outras pessoas de circo... Havia em seguida o baile do Calouro, e logo no mez seguinte o granfino baile de Maio, com toda aquela fricoteira que punha o D. F. em polvorosa à cata de “patronesses”, etc.

Nota necessária: Qualquer semelhança de D. F. com querido Departamento de Futebol será coincidência.

Mas continuemos. Havia a festa de aniversário do Centro, em setembro, com parte litero-musical no nosso teatrinho, o que sempre foi um regalo para as hossas famílias e uma boa maneira de fazermos farol junto às nossas pequenas. O Orlando Campos era alma dessas festas. Como ninguém, sabia ele organizá-las e divertir os colegas. Ele já deixou a Escola, mas ainda temos o Sacramento, Hilton, e tantos outros capazes de nos proporcionar boas coisas... E' só aproveitá-los...

E a Mac-Med, como era animada! não havia dez mil assistentes compenetrados macambuzios a seguir os jogos, mas um punhado de rapazes e moças divertidos alegres, com piadas ao microfone que instalavamos no “nosso” estádio...

E havia ainda chopada (por sinal que nessas noites ou nessas dias sempre fazia frio), chegou a haver churrasco (churrasco, sim senhor) bailes extraordinarios. De vez em quando o salão do Estádio era aproveitado para um arrastapé aos sábados ou domingos, e foram esses baillêcos de ultima hora, alguns até à vitrola, os melhores, os mais divertidos que a Faculdade já deu. Ninguém se fazia de besta, nem mesmo as pequenas, e tudo corria num ambiente de camaradagem moça sadia.

Hoje... Hoje temos guerra, dizem. Mas a guerra não atrapalha os divertimentos do povo inglês ou americano, por exemplo. O Centro não tem dinheiro, insistem. Mas quando é que o Centro já teve dinheiro?... E assim vamos deixando passar em bran-

**Os alunos da Faculdade e o Hospital das Clínicas**

Em último número de “O BISTURI”, deis feram os artigos que se referiram ao Hospital de Clínicas. Em ambos notava-se o desagrado com que os alunos observavam a desenvolvimento das atividades do seu Hospital.

Dias após, cada turma elegeu um representante para que, sob a orientação do Presidente do CAOC, tratasse dos interesses dos acadêmicos junto ao Conselho de Administração do Hospital das Clínicas.

Decidiram nossos representantes enviar aquele Conselho seguinte memorial:

“Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” — Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Aos Exmos. Srs. Membros do Conselho de Administração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

PRIMEIRO: informamos.

Os alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo acham-se a realizar os trabalhos preliminares, de estudo de averiguação do seu dever e do seu papel, a desempenharem, oportunamente, junto ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo.

SEGUNDO: sugerimos.

Então, assim pensam e procedem eles, vindo à presença dos excelentíssimos senhores membros do Conselho de Administração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, afirm de que lhes seja dado conhecer os fatos e intenções, serem regulamentados, dentro do capítulo que se referir ao importante caso em apreço.

TERCEIRO: aguardamos.

Cientes das suas responsabilidades e do seu ideal, é de bom aviso se lhes forneçam, em breves dias, uma resposta necessária satisfatória, para melhor luz e melhor paz do problema.

Nós, os designados pelos colegas para Comissão de Alunos representantes das respectivas turmas, assinamos respeitosamente, no cumprimento do passo inicial do nosso “desideratum”.

Foi seguinte, a resposta dada a este memorial:

“HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO.

Sec. 117 — n.º 250.

São Paulo, 22 de maio de 1944.

Senhor Presidente:

Em sua reunião hoje realizada, resolveu Conselho de Administração do Hospital das Clínicas, responder à consulta formulada pelo Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, por intermédio de V. S. e de seus dignos companheiros de Comissão, sobre a situação dos alunos da Faculdade de Medicina dentro do Hospital das Clínicas.

Este Conselho sempre considerou o Hospital como parte integrante da Faculdade de Medicina, pois ele foi construído com o fim especial de abrigar as suas Clínicas, consequentemente, uma das suas finalidades principais é a de “servir de campo para instrução dos estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, de médicos, de enfermeiras e de técnicos” inciso “b”, do art. 2.º do seu Regulamento.

Nessas condições, a situação dos alunos será, dentro do Hospital, mesma que eles mantêm, atualmente, dentro das Clínicas da Faculdade.

Os alunos terão franco ingresso às enfermarias, salas de aulas, salas de operações, ambulatórios mais dependências do Hospital onde ensino lhes deva ser ministrado, sempre dentro do horário estabelecido pelas autoridades competentes não podendo frequentar as dependências administrativas onde não houver interesse para o ensino.

E' preciso tornar bem claro, que cada professor tem inteira autonomia na direção de sua cátedra, de acôrdo com o que estabelecem os Regulamentos da Faculdade e do Hospital e as leis vigentes.

Assim, o trabalho dos estudantes nas enfermarias, fora do horário das aulas, ficará sob a dependência de prévio entendimento com o professor da cátedra.

Aproveito ensejo para apresentar a V. S. os protestos de estima.

a) Prof. Benedito Montenegro

Presidente do Conselho de Administração  
Ao Senhor Francisco Velloso Braga — M.D.  
Presidente do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”.

Evidentemente este é um documento promissor que nos faz ante-vêr a resolução satisfatória dos desentendimentos que ainda existem na matéria, por que muitas são ainda as anomalias do nosso Hospital que estão a requerer normalização. Sinã sejamos:

Em o Hospital das Clínicas há um inconcebível desequilíbrio entre os vencimentos dos Médicos Estagiários e o de certas enfermeiras. Com efeito, em Edital, que ainda se acha afixado no Quadro Geral da Faculdade, assinado pelo Prof. Godoy Moreira, (Pelo Conselho de Administração), datado de 17 de fevereiro de 1944, tem-se ciência de que os Médicos Estagiários do Hospital das Clínicas acham-se divididos em dois grupos: os adjuntos e os internos. Os primeiros com vencimentos de 1.300 cruzeiros; os segundos com 800 cruzeiros menos, repetido enfermeiras, que ganham mais do que isto. Será que a melhor enfermeira, mesmo que se trate de enfermeira “chefe” (ou qualquer coisa semelhante) — tem mais eficiência do que um médico? Já não digo mais eficiência, mas, a mesma eficiência do que um médico? Será que as enfermeiras “graduadas” (digamo-lo assim), deveriam ter vencimentos maiores do que os médicos estagiários internos?

**O que visa o Departamento de Medicina Social do C. A. O. C.**

Em primeiro lugar, esse Departamento procurará defender os interesses do médico na Sociedade, o que tem sido tão negligenciado entre nós. A união de classes que vem se fazendo notar em quasi todas as profissões, na nossa é nula.

E' a nós, estudantes, que cabe tentar realizá-la.

Não nos devemos esquecer que no dia de amanhã seremos médicos e como tais deveremos nos submeter todos, ou quasi todos, aos salários e às imposições que a ganância o ou incompreensão da sociedade julgar conveniente. Tenha-se em mente o caso do Hospital das Clínicas, onde o médico ganha tanto quanto uma enfermeira ou ainda menos.

Visa ainda estudar e criticar as condições de saúde e alimentação de nossa gente.

Somos nós que podemos fazer isso. Levantar dados estatísticos, fazer inquéritos no interior do Estado sobre as condições higiênicas do caboclo e não só do caboclo...

Quantos cortiços não existem ai pelos bairros e arrabaldes cujas condições higiênicas são das mais deploráveis?

Sabemos que não serão poucos os céticos que logo dirão: mas que poderemos fazer, nós modestos estudantes de Medicina? Cabe isto aos entendidos do assunto, etc., etc.

A esses respondemos dizendo que essa atitude passiva nada mais é do que um comodismo disfarçado em modestia.

A tarefa é árdua, mas com a colaboração de todos alcançar-se-á mais depressa a meta desejada.

E' preciso que tomemos uma atitude ativa para que possamos realizar os nossos ideais de moços.

Poderemos ser considerados indivíduos bons, úteis, à Sociedade, só porque estudamos a matéria que os professores dão em aula, fazemos os rela-

Será que prestarão mais serviço do que estes? Si assim fora o fato estaria justificado; e, até seria de maior utilidade ao serviço público hospitalar, que se extinguissem os cargos de Médico Estagiário Interno e se contratasse mais enfermeiras desta casta de “chefes”. Como assim não é, esse fato não nos parece muito normal.

Outra anomalia que se observa no Hospital das Clínicas é que nele não se observam feriados ou pontos facultativos, em relação ao seu pessoal administrativo, como ainda ocorreu no dia 18 de maio p. p. quando o trabalho foi proibido. Os funcionários públicos têm direito a esses descansos, e quando fazem plantão têm direito a um dia de folga na semana que se segue. Entretanto, não é isto que se observa no Hospital das Clínicas, em desacôrdo flagrante com o art. 120, § 6.º, dos Estatutos dos Funcionários Públicos, que diz “o serviço extraordinário gratuito não poderá exceder de 75 horas para cada funcionário no período de um ano” (e em estes Estatutos acham-se incluídas todos os funcionários, mesmo de autorquia arts. 1 e 2). Isto para não invocar as leis trabalhistas, que são inteiramente desconhecidas no Hospital.

Finalmente ainda uma anomalia se observa no Hospital das Clínicas. O Hospital foi inaugurado. Inaugurou-se o Serviço do seu Diretor-Clinico. Inaugurou-se o Pronto Socorro. Trabalhava-se febrilmente no término de outras clínicas, e não se cogita em pôr em funcionamento imediato o Serviço de Oto-rino-laringologia que há dois anos tem suas atividades suspensas!

Quando é que a atual turma do 5.º ano irá cursar esta cadeira que já deveria ter feito no 4.º ano, isto é, no ano passado?

Talvez no proximo ano... acumulada com o 5.º 4.º anos futuros, por que então essa turma já será o 6.º ano.

E essa turma estará com sorte si não tiver que cursar esta cadeira no sétimo ano...

X. X. X.

tórios e frequentamos os laboratórios? Lembremo-nos de que a bondade e o patriotismo não devem ser virtudes passivas.

Cuidar dos problemas médico-sociais é um dever que a sociedade nos impõe.

Não nos deixemos contagiar pelo egocentrismo doentio da época que ora vivemos.

Reagir é o que precisamos! Não devemos confiar nos outros, mas em nós próprios.

Estamos certos de que este Departamento contará com inúmeros colaboradores, que bons estudantes de Medicina, compreendem qual é a finalidade deste.

OSCAR MASSARIOL FARINA

**PARA O C. A. O. C. VERBAS DECRETADAS**

Cr. \$ 5.000,00 para o Centro e Cr. \$ 20.000,00 para a Liga (Dec. 114009, 31-5-44).

Cr. \$ 20.000,00 para o Centro (Decreto-lei 14.042, 21-6-44).

Cr. \$ 13.800,00 para a Liga (Ordem de pagamento da Secret. Educação n.º 311 do processo 21.042).

Cr. \$ 10.000,00 para o Centro (verba Federal) o Pagamento está sendo providenciado.

Cr. \$ 10.000,00 para o Centro (verba de 1943, recebida em 18-7-44).

Cr. \$ 10.000,00 para o Centro (verba de 1944, que foi reconsiderada pelo Governô e cujo pagamento já esta protocolado).

Cr. \$ 15.000,00 para a Liga (Auxílio da Prefeitura para 1944).

# Departamento de Medicina Social de C. A. O. C.

## HOMENAGEM AO DR. HAROLD D. CHOPE, REPRESENTANTE DA FUNDAÇÃO ROCKEFELLER EM SÃO PAULO - O PROGRAMA DO NÓVEL DEPARTAMENTO, TRAÇADO PELO SEU ORIENTADOR, PROF. SAMUEL PESSÔA

Comissão Diretora — Dútilio Chrispim Farina, Oscar Massariol Farina e Manoel Munhoz.

O nosso Centro Acadêmico, dando forma concreta à idéia dos colegas Dútilio Chrispim Farina, Oscar Massariol Farina e Manoel Munhoz, fez inaugurar, no dia 13 de junho passado, pela maneira mais auspiciosa possível, o seu Departamento de Medicina Social, que tem como orientador o Prof. Samuel Pessôa.

Ao ansejo dessa solenidade, os alunos da nossa Faculdade de Medicina tiveram oportunidade de promover uma feliz, justa e brilhante homenagem, ao Prof. Harold D. Choep, D. D. representante da Fundação Rockefeller em São Paulo, que logo partiria para os Estados Unidos.

A essa homenagem, que se realizou no Salão Nobre da Sociedade de Medicina e Cirurgia, aderiram as seguintes Sociedades dos Médicos paulistas: Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina, Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Associação Paulista de Medicina, Centro de Estudos "Franco da Rocha",

do Hospital do Juqueri, Sociedade de Biologia, Sociedade do Serviço do "Prof. Celestino Bourrol", Seção de Higiene e Moléstias Tropicais, do A. P. M., Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, Sociedade Paulista de Leprologia, Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo e Sociedade Paulista de História de Medicina.

Falaram, nessa ocasião, os seguintes oradores:

Pela Faculdade de Medicina, o orador oficial do Centro, João Belline Burza, pelos antigos "fellows" da Fundação Rockefeller, o Prof. Franklin Moura Campos, pelas Associações Médicas de São Paulo, o Prof. Oscar Monteiro de Barros, pelo Departamento de Medicina Social, o Prof. Samuel Pessôa, orientador desse Departamento, e, finalmente, o Prof. Harold D. Choep, que pronunciou uma interessante e documentada palestra sobre Medicina Social no Brasil, e a qual oportunamente divulgaremos.

Citamos adiante alguns trechos do discurso do Prof. Samuel Pessôa:

"O objetivo exato que nos leva a tomar a palavra nesta assembléa, é o de, como orien-

tador do novel Departamento de Medicina Social do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, explanar em poucas palavras, os principais pontos do programa que desejamos desenvolver à frente de suas atividades neste ano social".

"Antes, porém, de entrar propriamente no tema que nos propuzemos explanar, desejamos manifestando nossos sinceros agradecimentos, à digna diretoria do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, pela honra com que nos distingue, confiando-nos a orientação do novo Departamento, cuja existência há muito se fazia desejar, cujo desenvolvimento, nesta hora em que as questões sociais encaradas em qualquer terreno estão atingindo um "clímax" decisivo, prometer dedicarmo-nos com afinco e energia, além de que possamos, modestamente, é certo, contribuir também, com algumas parcelas para os objetivos da nova ordem social que, após a guerra, deverá reinar em um mundo pacificado.

E após saudar o Dr. Choep da Fundação Rockefeller, fala seguinte sobre o programa do Departamento:

"Quanto ao programa do Departamento em apreço queremos-lo muito modesto, desejando-o entretanto imodesto nas suas realizações. Em primeiro lugar, aspiramos a que se reúnam neste Departamento não só os estudantes de medicina, como ainda médicos formados por

qualquer escola que se mostrem interessados no estudo dos problemas medico-sociais.

Em segundo lugar, os membros deste novo Departamento estão concios do muito que podem fazer os médicos (e que realmente já o têm feito) em prol de nossa pátria, e o muito que pode ela ainda exigir de nós, eis que a medicina estuda o homem e sua vida física e moral não ignoramos que desenvolvimento e progresso humano e por conseguinte da nação, são inatingíveis no meio hostil em que medram tantos flagelos, pestes endêmicas, maus hábitos e deficiências de toda a sorte que aniquilam o vigor do corpo, relaxam a vontade, quebrantam a confiança e extinguem as fontes de produção. Bem sabemos que todos os fenômenos sociais se apresentam interdependentes que as questões medico-sanitárias são antes de tudo questões sociais. Propomo-nos, assim, examinar num âmbito mais dilatado e mais avançado a nossa ciência médica, que se projetando das especialidades clínicas se atira aos grandes problemas demográficos e sociais, ultrapassando a esfera da vida nacional adquire caráter internacional.

Urge pois, nós membros deste Departamento, definir nossa atitude social no momento presente: afirmamos não desejar assumir atitude indiferente, neutra ou simplesmente ambígua, em face das questões sociais que veem abalando os fundamentos da nossa sociedade e a organização geral do país.

Nosso programa imediato é pois, o de franco e decidido apoio em favor de uma forte unidade nacional em torno do governo constituído, trabalhando na medida de nossas forças, cooperando com nosso governo em tudo aquilo para que formos chamados, e h. potendo nossa fervorosa solidariedade a sua política de guerra, na destruição do nazismo, no levantamento da classe obreira, tanto a das cidades como a dos campos, finalmente no aplauso irrisrito à sua atitude, colocando Brasil entre as Nações Unidas que lutam pelos mesmos objetivos.

Em seguida temos um programa mediano, que desenvolveremos paulatinamente no decorrer dos dias vindouros, e que diz respeito à realização de conferências sobre temas de interesse medico-social por vultos eminentes da medicina e sociologia brasileira. Em seminários mensais serão estudados e analisados os principais livros e artigos publicados em revista sobre temas de maior interesse, e de possível aplicação e adoção entre nós. E, finalmente, nos esforçaremos em organizar turmas de estudantes, além de serem constituídas verdadeiras equipes de jovens interessados, não só na aquisição de uma definida atitude científica perante os assuntos medico-sociais, como também destinadas à coleta de dados sobre as condições de vida e de saúde em todas as partes do nosso território, bem como a divulgação dos mesmos por meio de conferências, escritos ou palestras.

Eis em poucas palavras nossa vasta ambição: de um lado estudar a integração do médico na nova fase porque vem passando a sociedade na qual se multiplicam os problemas medico-sociais; assim e seu desajustamento na sociedade que não quer que haja doentes, dos quais necessita ele para viver; em que v. las e povoados às centenas devido às suas condições econômicas, não contam com médico seus habitantes morrem à míngua, enquanto as capitais cidades registram plethora de médicos com todos os seus inconvenientes; em que se quer orientar, em nosso país medicina para uma socialização integral, quando nenhuma outra atividade, nem por sombras, segue o rumo semelhante, fazendo-se assim o progresso unicamente à custa de nós, os médicos; e tantos outros problemas em que vem se debatendo, sem saída, a nossa classe. De outro lado queremos cooperar com as autoridades administrativas, no estudo e melhoria da distribuição da saúde e no levantamento geral do povo brasileiro.

E assim nos sentiremos felizes, pois é a saúde a melhor arma para um povo assegurar sua liberdade e dar liberdade ao povo é dar-lhe tude".

## Sacerdócio e remuneração

A propósito de uma notícia que corre nos porões de nossa escola, de que as enfermeiras do "nosso" Hospital de Clínicas ganham cr\$ 1.200,00 e os médicos internos somente Cr. \$ 800,00, é útil lembrar as palavras de um mestre de medicina e das letras portuguesas, A. Rocha Brito professor na Faculdade de Medicina de Coimbra.

Sacerdócio, por mais de uma vez falamos nessa palavra. Linda palavra, esplêndida coisa. E' preciso porém, que o não explorem contra a nossa classe, pois, presta-se a todos os equívocos e mal-entendidos. Para muitos, sacerdócio quer dizer trabalhar de graça, como se o médico fosse o único ser humano que não carecesse de viver e fazer viver os seus, de gozar um pouco as justas alegrias dessa efêmera vida.

Mas, então, o estudante deveria logo ao matricular-se entregar ao nosso secretário o seu documento de filho-rico e o critério da escolha da carreira seria o do dinheiro. Os que assim pensam esquecem-se, por certo, como já se disse, de que a Medicina é uma ciência pura, uma arte desinteressada, mas também uma profissão remunerada. Como tal, o seu exercício deve ser pago.

Onde está então, esse tão debatido Sacerdócio com o qual tanto se comparam e orgulha a medicina em ser comparada? Fácil é a resposta.

O dinheiro paga o trabalho, mas não paga a dedicação, o carinho, o espírito de sacrifício, a tenacidade, no esforço, a perda das melhores horas do nosso tempo de dia ou noite, a falta de regularidade das nossas refeições, a prontidão do nosso socorro, a caridade enfim de que o bom médico faz rodear os seus cuidados clínicos; isso é o que o dinheiro não paga, é justamente o que se chama o sacerdócio da profissão.

Eis a razão porque desde tempos memoriais o salario médico se designa por um termo especial: Honorários.

Noel Hallé, um grande filosofo, simulando as palavras de um cliente ao retribuir certos serviços clínicos disse: "Por mim não saberia qual o numerario com que deva saldar os serviços prestados, porquanto o ouro não

paga nem a saúde nem a vida. Ao entregar-vos pois este salario pedido, entendo honrar-vos pela vossa benevolenta generosidade e a essa honra junto o dinheiro e ainda vos fico extremamente agradecido". Estamos com N. Hallé, pois o que disse era certo; nos honorarios médicos está tudo: o dinheiro em retribuição ao trabalho e a gratidão pelo grau de sacerdócio de que esse trabalho se revestiu.

Mas... e os pobres dirão vocês? a resposta também aqui é facil. Numa sociedade bem organizada devem ter uma assistência gratuita e tanto mais quanto mais eles se aproximarem da indigência. Entendamo-nos, porém; assistência gratuita mas não à custa do médico.

A custa deste, sim, a mais alta de-

dicção, a maior solicitude, a caridade de mais cristã, isto é, o sacerdócio porque é chegado a hora do médico saldar sua velha dívida que quando estudante contraira nos hospitais, aprendendo nos pobres doentes e doentes pobres. A' custa da sociedade a Assistência aos necessitados.

Longe, porém, como estamos desse ideal, a nossa classe vai suportando corajosamente a pesada cruz que lhe verga os ombros, continuando os médicos dignos deste nome, a ver e tratar os necessitados, e muitas não fazem outra vida, com a maior dedicação e carinho, sem a menor recompensa, nem mesmo por vezes a da simples gratidão...

Por Maurício Faria.

## Grêmio dos fosseis torradores

Alguns fosseis torradores de nossa escola considerando a necessidade de fundar um nucleo que os congregasse a todos eles imbaídos dos mesmos propositos fundaram na primeira quinzena de Maio o Gremio dos Fosseis Torradores.

Seus objetivos são os seguinte:

- 1) Promover campanhas no sentido de arregimentar a totalidade dos alunos de nossa escola (alias campanha que poucas dificuldades irá encontrar) para o Gremio.
- 2) Enviar moções de apoio a certos professores que dão suas aulas pelo metodo anacronico de fossilização experimental (Calazans, Floriano, Franklin, Almeida Prado e outros).
- 3) Pleitear a proibição da entrada de quaisquer "boas" no recinto sagrado de nossa Faculdade.
- 4) Impedir por todos meios possíveis a realização de bailes, festas, competições, Mac-Meds, etc, que sómente servem para perverter os elementos da classe.
- 5) Oficiar ao Faria pedindo a pena de expulsão aos grevistas incitadores de paredes, etc.

Os socios por sua vez se comprometeram torrar continua e incessantemente 20 a 22 horas diárias no mínimo.

Outrossim resolveram por unanimidade proclamar presidente do Gremio o prendado e jamais igualado fossil Moisés Korn, digno representante da elite fossil da escola.

Os demais cargos foram assim distribuídos:

Vice-presidente Moacir Cardoso; Secretario Geral, Armando Piovesan; 1.º Secretario, Rubens Rubinsky; Tesoureiro, Antonio Miksian; Departamento ant-esportivo, Luiz Antunes; Departamento anti-social, Scharif Kurban.

Foram creadas também as seguintes ordens e comendas que assim foram distribuídas:

- Ordem do Livro Ensebado — Grão Mestre Americo dos Santos.
- Ordem do Brontosaurus laboratorii — Grão Mestre Fausto Brusarosco.
- Comenda Pterodactylus bibliotecae — Ulisses de Andrade e Silva.
- Grão Cruz dos Alergicos ao sol — Camargo.

## QUADROS DA VIDA HONTEM

..Ontem eu te vi...

Ví no azul claro dos olhos, tão calmo como o firmamento numa tarde serena de primavera, a paz do espirito.

Ví na pureza e indiferença do olhar, apenas indecisão, desinteresse, tranquilidade.

E, o meu desejo era ver no brilho dos olhos só agitação, na brancura da face as lembranças de risos e prantos sem causas; em ti só anseio amor, paixão.

Fiquei triste, muito triste...

## HOJE

Hoje eu te vi...

Ví no olhar lânguido e melancólico dos olhos azuis que fitavam um ponto obscuro no horizonte, procurando um paraíso que não se acha em recanto algum da terra, que em ti havia qualquer coisa existente em mim.

Fiquei alegre, muito alegre...

## ESPERANÇA

Levantouse sol no firmamento azul nos seus raios dourados eu pressinto esperança. Foi sempre assim: extingue-se a noite, apaga-se o brilho das estrelas na negridão do espaço, e eu sinto saudades; nasce o dia, desperta sol aclarando a vastidão da terra, e eu sinto esperança.

E, na distância entre saudades e esperanças, sofro as angústias do amante, as tristezas do poeta.

Esperança de que? Saudades de quem?

Esperança... Esperança de ver brilho de teus olhos encantadores, brilho de ternura e juventude.

Esperança de sentir o calor das tuas mãos delicadas formosas, a doçura dum beijo de teus lábios adolescentes provocantes.

Esperança de mais uma vez ouvir tua voz ardente vibrante; de observar os teus gestos de indiferença, de ternura, de ingenuidade, que estilizam o teu ser.

Esperança de te ver, de te compreender, de não ter mais saudades...

## NOVEMBRO

Novembro faz me lembrar,

Rubros lábios, face bela;

Beijos, carícias ao luar,

Noites que passei com ela.

## LEMBRANÇA

Lembro-me que saltávamos ao ritmo da marcha, quando meu braço mansamente se entrelaçou com teu, então, pela primeira vez, senti o calor acolhedor de teu corpo.

Lembro-me daquele palminho de cara bonita voltando-se para mim, os lábios entrecerrados nada diziam, mas o brilho dos olhos se encheu de súplicas desculpadas, quando um rapaz inoportuno te levou para o meio do salão, longe de mim.

Lembro-me quando, pela última vez, os teus olhos buscavam os meus, só agora compreendo que é sofrer, viver, amar...

## CÍRCULO VICIOSO

Eu bem penso, quando penso,

Que tú pensas só em mim.

Eu vivo pensando em ti;

E bem penso, quando penso,

Que esse amor não tem mais fim.

Do meu diário

LAERTES FERRÃO

# Paranóia (Nota prévia)

Evidentemente, este é um assunto de supremo interesse e grande atualidade. Por isto venho agora trazer nesta nota prévia, os resultados de minhas pesquisas a este respeito.

Devo dizer antes de tudo, que julgo ser a paranóia u'a molestia muito contagiável, devendo ser um vírus, o seu agente etiológico. Quanto ao reservatório de vírus, ainda não cheguei a uma conclusão definitiva; mas tudo leva a crer, que é a Faculdade de Medicina de S. Paulo.

Os sintomas, são os mais variados possíveis, e para esclarecer o leitor citarei tres casos extraídos do fichário de minha clínica, todos os tres procedentes da Faculdade de S. Paulo.

1.º) W. E. M.: — Brasileiro, casado, assistente de Anatomia Patológica. O paciente julga ser, no mundo, o individuo que mais entende de medicina e ciencias afins e não afins à medicina. Afirma as cousas com tal segurança, que quem não o conhece, julga que le fáto, ele tem razão. Foi diagnosticado, paranóia e megalomania galopantes. Prognóstico: péssimo.

2.º) — C. B.: — Brasileiro, solteiro, sextoanista de medicina, especializado em hematologia. O caso deste paciente é exatamente igual ao anterior, só que está num grau muitíssimo mais avançado. Julga o paciente, que sabe muito mais que todos médicos e não médicos do mundo rennidos. Estado grave.

3.º) H. C.: — Brasileiro, casado, positivista, livre-docente de Dermatologia e chefe do laboratório da Santa Casa. O caso deste paciente é mais benigno, não se julga tão sabido, mas tem a mania de achar que todos os autores são "umas bestas", óra, ele não se julga "besta", lógico, ele é "o tal".

Diagnostico: Paranóia crônica. Prognóstico: E' bom. O paciente se curaria, sendo bastante para isto que ao dirigir uma de suas costumeiras "amabilidades" recebesse em troca, uma ligeiro "trauma físico". O difficil está em achar quem lhe aplique o trauma, pois o paciente pésa 112 quilos.

Muitos outros casos desta mesma Escola, poderia eu citar ainda. Mas

ficarei por aqui, e aproveitarei agora para transcrever a opinião de um dos maiores estudiosos do assunto, sobre o comprometimento psicológico, nesta molestia.

Trata-se do sr. José Angelo Gaiarsa, autor de uma brilhante e muito clara exposição de um assunto correlato, a Esquizofrenia (In "Bisturi" de abril de 1944). O Prof. Gaiarsa nos adiantou o seguinte: — "A paranóia, etimologicamente falando, é uma exacerbação megalomaniaca, que nela, contem ela e a outra ( a arte), e na arte ( a ciencia) contem (uma) o subjetivismo ectópico de uma ( o psíquico) estrita bipartição personalíssima do objetivo e do empirico. Assim se descobrem relações invariáveis de sucessão na metafísica possível da positividade psíquica"

Depois desta explicação clara e precisa, eu cheguei a mais uma conclusão, que é a seguinte: o meu fichário acha-se enriquecido de mais um caso.

Prof. W. S. Chayresky, da Univ. de Vienna.

## ...E o «diabo» disse: não!

Ambrosio de Tal foi sempre um bom rapaz porem um dia teve a pessima idéia de estudar medicina...

Frequentou os cursos preparatorios, e no fim de longos anos de sacrificios, encaminhou-se para os exames sendo admitido como academico daquela formosa Escola...

Tudo isso não foi nada comparando-se com o que lhe aconteceu no fim da vida do primeiro ano, quando teve de prestar contas do que havia feito...

Pedida a audiencia, e tendo lhe sido consentida, encaminhou-se para o escritorio, ou melhor, para a sala de torturas de SUA EXCELENCIA...

Espectaculo tetrico!

Metido em seu longo avental branco fechado até o pescoço, e sentado em sua escrivaninha, Sua EXCELENCIA, consultava o "Livro da Vida"

No salão via-se por todos os cantos esqueletos em posições macabras, cabeças etc. etc. dando ao local um aspecto lugubre.

Ambrosio encaminhou-se timidamente, após o porteiro ter feito girar a porta sobre os gonzos fechando-a, e parou a dois passos de SUA EXCELENCIA.

Sua Excelencia, ergue os olhos ao que está lendo, e com a sua voz característica...

— Sr. é seu Ambrosio de Tal!

— Sim. Excelencia.

— Bem. Infelizmente minha secretaria não pôs em dia seus papeis... poderá o sr. me informar do que fez durante todo o ano?

— Pois não. Excelencia.

—O sr. estudou Anatomia?

—Bem... eu estudei Anatomia, Fisiologia assim como um pouco de Quimica...

— Muito mal... muito mal... o sr. deveria ter estudado mais anatomia, pois as informações dos meus "lugares-tenentes" indicam que o sr. andou "bifando" muito... E' verdade?

—Excelencia, compreenderá, isso são pequenas faltas de um pobre novato no assunto...

— Pequena falta?? Então o sr. julga isso?

—Mil perdões... Excelencia...

E assim durante quasi duas horas, passou o pobre Ambrosio pelos mais inaceitáveis torturas diante de Sua Excelencia.

—No fim não tendo mais o que perguntar e indagar. Sua Excelencia perguntou:

— Qual é origem da mandíbula?

— Excelencia... a mandíbula vem...

— Não! Não é necessario que responda!

— Então, Excelencia, poderiam informar se mereço ser aprovado?

— NÃO! O sr. necessita estudar 36 horas por dia de Anatomia!

Vemos aqui como foi que:

O "DIABO" disse NÃO!

E hoje o pobre Ambrosio vagueia sem ter onde parar pelos corredores da Faculdade, sendo sempre tentado pelos "espectros" dos lugares-tenentes de Sua Excelencia.

LUCIFER

## «O Cine Pueira»

FILMES D A SEMANA:

O Fantasma da Opera — Fauze.

Em cada coração um pecado — Lion.

As portas do Inferno — (Aula de Anatomia).

Paris nas Trevas — (Pratica de Histologia).

Idade Perigosa — René.

Sacrificio de Pai — Fontana.

Sem tempo para amar — Omir

O homenzinho está de azar — Cori

Sempre em meu coração — Plinio e Geni.

O homem sem alma — Bitar.

Paixão de Aventureiro — Flirts... e Ela de Birigui.

Senhorita Ventania — Cleo.

Demonio do Gongo — Vera.

Sahara — Gurban — George — Fauze.

Arrisca-t Mulher — Dirce.

DEDINHOS

# Bôa aula!

Senhores:

Faixas condições ontalo-mesentéricas que se revelam na potencialidade do estudo discriminativo das complicações dos resultados obtidos pelas deduções das observações conclusões da passagem dos olhos nos diferentes tratados observamos no estudo da passagem da vida mesenquimal que apresentam as condições evolutivas das capacidades celulares para evoluir harmonicamente com as correlações estruturais das influencias degenerativas patológicas fisiológicas anatomo-patológicas etiológicas diagnósticas da vida pre-fetal intra-uterina nós nos propomos a esclarecer aos alunos desta matéria que pois que foi exposto acha-se tudo esclarecido pois os mesmos esquizosos polimorfocelulares apresentam caracterizando-os pre-

sença de uma substância suculenta no meio a qual nadam e boiam celulas quadradas que às vezes são redondas ou então geralmente triangulares quando não elípticas de coloração vermelho-roseo ou então verde-azulado por vezes roxo-amarelado quando não cenzentes com pontos brancos corados pela hematoxilina-eosina. Isso tudo apresentando como caracter fundamental às vezes não mas então como diagnosticar esses sarcomas esquizosos polimorfocelulares facilmente isso é conseguido porque ao microscópio com o grande aumento veremos celulas cinzentas com pontos brancos corados pela hematoxilina-eosina que às vezes são roxo-amarelados ou então verde-azulados si não forem de cor vermelho roseo de coloração elíptica sinão triangulares ou então geralmente

redondas que na maioria das vezes são quadradas tudo isso banhando um liquido suculento que nada ou boia no seu interior assim vemos que o sarcoma peri-canalicular da mama é compreensível facil de diferenciar do osteocondroma tipo Epulis (lamina 59 Caixa II) que como os senhores observam na projeção o individuo entra em caquexia devido a um estrutura da glandula tireoide nessas condições observamos que extraordinária é a capacidade prolifermimentos celulares que fazem parte do sistema reticulo endotelial das celulas de Kupffer e si isso não fosse suficiente para chegarmos a uma brilhante conclusão diagnóstica poderíamos diagnosticar um melano-sarcoma pela presença de celulas estradas por metacromasia que seriam os melanodermas ou melhor os mel-

nocitos quero dizer os melanoblastos porque as celulas endoteliais dos vasos de neo-formação apresentam-se tumefactas por um liquido suculento por vezes enxuto ou por vezes molhado de coloração que não é encontrada no espectro do arco-iris porem que fica assim entre o vermelho escuro e o violeta claro do espectro pois bem tudo isso não é nada comparando-se com o tumor maligno dado pelo queleide do lobo da orelha lamina 39 da caixa II assim vemos que as manifestações anatomo-patológicas vistas com o menor aumento são deveras claras dentro do seu polimorfismo às vezes regular às vezes não.

BOA AULA! BOA AULA!

Nota do taquígrafo: Pontuação por conta dos leitores.

XIPÓFAGO & XIPÓFAGO

## O PROBLEMA DAS PENSÕES

Quando um elemento do interior pretende continuar seus estudos na capital paulista, um dos primeiros problemas difíceis que precisa resolver é o do alojamento em pensões.

Si vem estudar medicina, principalmente, a seleção é mais difícil, porque estudante de medicina precisa conciliar sossego com proximidade da Faculdade, pela seriedade do estudo e pelo horário das aulas. Donos de pensão dificilmente compreendem estas coisas; eles não têm toda a culpa, porque estuda medicina "quem quer". Nós não temos culpa nenhuma, porque queremos o que é possível.

Si vem estudar medicina e, além disso, é pobre, então sim, a história se complica e não desanimamos porque nada mais fazemos do que sofrer as consequências da carreira, toda ela cheia de espinhos, antes de outros que podem ter aqui os carinhos do próprio lar. Muito menos esta parte os donos de pensões compreendem, e, pelo contrário, julgam que não estuda medicina "quem quer" mas sim "quem pode" satisfazer às suas ambições desmedidas. Entra em jogo aquela velha lenda de que todo estudante chora as mágoas sem razão, são mencionadas oralmente enormes tabelas de preços de gêneros de primeira necessidade e... si convém, bem, si não convém, fica por isso mesmo. Vamos dar um pouco de razão para os donos das pensões: há guerra, câmbio negro e outras coisas mais. Muito bem, mas os alugueis não subiram. E' agora, então, que vamos começar a expor a questão, lançando uma idéia que talvez beneficie grande parte dos que aqui não têm suas famílias.

Não desejamos a tão prolapada "Casa do Estudante".

Pretendemos, somente, que "Centro Acadêmico Oswaldo Cruz", por si mesmo, ou por intermédio de algum dos Departamentos a ele filiados, torne-se o fiador nas transações necessárias para alugar uma casa um grupo de estudantes. Vamos jogar com número, para melhor elucidar o assunto: suponhamos que 10 estudantes do interior, que se conheçam perfeitamente, que não é difícil, encontrem uma casa capaz de acomodá-los. Examinando quanto se gastaria, despesa ficaria dividida por 10 e seria paga suave e alegremente e não brusca e raiosamente, (como acontece com muitos de nós) para exploradores que por 100, 120 ou 150 cruzeiros nos dão, mensalmente, meio quarto, meio guarda roupa, uma cama, uma pequena mesa e uma cadeira, rádio em último grau de intensidade com jogos do campeonato de futebol, dramas péssimos intermináveis, bom dia, boa tarde ou boa noite (com sorriso nas proximidades do fim do mês ou com "cara feia", no princípio, si a mesada atrazou um pouco) tudo isso... e o céu também.

Julgamos não estar querendo muito, pois o sistema de prestações poderia ser posto em prática na compra dos móveis para a casa, que, pelo menos temporariamente, seria a nossa casa e não a casa de outros que, em troca, do que recebem de nós, com alguns quartos alugados para "dormir" ganham o resto do prédio para "morar". Com relação aos móveis poderemos garantir que a solução será mais fácil do que poderia parecer, pois não é raro alguns estudantes de medicina terem já algumas peças, quando não têm completo o mobiliário de quarto.

Quanto às refeições, cada um adotaria o sistema que mais conveniente lhe parecesse: pagando por refeições numa pensão ou num restaurante (e passando a visitar mais os amigos parentes, aos domingos e feriados, em hora "propícia") ou pagando mensalmente mesmo, como já fazem muitos.

Necessariamente, si fosse idéia capaz de ser executada, os estudantes beneficiados assumiriam, por escrito, um compromisso; estabelecer-se-iam alguns regulamentos simples, mas, de qualquer maneira, confiando com desconfiança, depositaríamos, no Centro ou no Departamento que nos atendesse, meios para uma ação legal em defesa da confiança que em nós depositou, caso algum dia fosse necessário. Quem escreve estas linhas conhece muitos outros elementos a quem expôs a idéia, tendo sido a mesma aceita plenamente.

Ao que nos parece, há possibilidade de sermos atendidos. Ficariamos bem satisfeitos. E, enquanto não tivéssemos a "Casa do Estudante", contentar-nos-íamos com "Casas de Estudante" alugadas.

JONATAS

# Conversa de cortiço

— Dona Strofantina!!!  
 — Qui qué d. Bilrubina?  
 — Sabe a sinhóra qui aconteceu ontê di dinoite?  
 — Nó. Qui foi?  
 — Magina! Aquela sirigaita da Cafeina, estava passeando nu tscuro cum aquilo chivetão do Urobilinogeno...  
 — Virdade? Num diga! Maise isso num é nada, vi eu aquela ispuleta da Varize, quando vei insistência buscé ela nus domicílio do Seu Brederodes, cultada dela, foi indireitinho nas labia dele...  
 — Si sabia eu num dexava filha minha namurá com aquele dali... poise sigundo mi afaló ú Dutô Tripsinogeno, Seu Brederodes, andava de ingrutinação cum uma tar de Tromboquinase... maginal  
 — Puxa a vida! Num aquero falar mar di ninguem, sabe?... d. Esterobilina, si dexó mudá ela prum lugá chamado "cavo du Doglás" n. 33...  
 — Num adigo nada ieu moise a d. Pteriloquia, istá impredendo a tucá as trompa d'Ustaquio nu Conversatorio.  
 — Sabe? Mandei eu fazê uns vistido nu Custurero...  
 — Quim é? Aqueli Seu Sartorio?..  
 — Justo éle!... mi dissero qui ilo ganhó 30.000 praqueta nú bicho, puis sunhó cum um sinar de Romberg positivo, qui dizia pr'a incma dele... "Ajoga na vacá"...  
 — Puxa! Tem cada nego maise alergico nesta vida... nossa!  
 — Sabe? Fui eu ontê di dinoite nú cinema, fui avê a fita in qui atrabalha aquela artista bacana... como si chama?  
 — Ah! aquele qui fazia us paper de Lião Cavalo, na sinfonia do Síndrome de Korsakow?..  
 — Nó! Aquele qui tem us bigudinho inlinhado...  
 — Ah! Intão foi sinhóra insistí a fita do Bilagogo?

— E'l... trabalhava éle com aquela artista bunita a Escrofulca Maculipenis...  
 — Cumo ele trabalham bem... não? Quim é qui atazia us paper de bandido mesmo?  
 — Era aquele tar do Du Bois Desinteritea.  
 — Num era aquela fita da Gastrectomia das Opera?  
 — Justo essa... maginal  
 — Puis é, fui eu nu circu duminco passado... sabe quem estava vendendo framuço na porta?  
 — Quim era?  
 — U' Xlor...  
 — Quasi foro us artistas qui trabalharo?  
 — U' palhuço era o Decolin; tinha um qui andava incima du arame farpado, si chamava éle Arelia Basedow, tinha uma bailarina, cum a pernas... era Escarlata Dispeptica.  
 — Trabalham bem éles?  
 — Puxa vida nem aquera sabê! Quando noise saimo, meu marido o Rulbarbo, mi compró éle um rífesco de Estrato de Jurubeba... mi feize um marl...  
 — Qui teve a sinhóra?  
 — Tive eu u qui si achama uma acalasia da pequena bacia. O meu escopo achamo a Radioterapia, e u Dotô mi arrecelto: Xorope simpres — 3 4 drageas de 0,30 quilos pur dia, ú intô 30 40 gotas antes das rifeição, l umas ampola pur via inrar, de tampinha de cerveja in sufusão hemorragica.  
 — Bem, vô indo imhora, tenho eu de fazer umas ulceras pepticas com tenia saginata al sugo pros armogo...  
 — Puxa a vida tinha si esquecido qui atenho nu fogo um pé de Madura, preparado sigundo aquele rivo de receita culinaria do Dotô Floriano...  
 — Tilógol...  
 — Xául  
 S. P. — Esta conversa foi ouvida pela televisão electronica, pelos reportes-detetives irmãos Syameses:

XIPOFAGO & XIFOPAGO

# A alegria ganha um novo campo

Artigo especial para o "Bisturi", de um caso de alergia idiopática...

\*  
 NOME: Leucêmico Gazoso. IDADE: 24 anos. SEXO: Masc. CÔR: Amarelo. PROFISSÃO: AC Medicina. NASC: Daqui mesmo. PROCEDÊNCIA: Araçá. DATA ENTRADA: Início das aulas. SAÍDA: ?

Q. D. — Mal estar, anorexia, dispepsia, dispnéa, náuseas, vômitos incoercíveis. Palpitações na região intercrural anterior, ha cerca de uma porção de tempo.

H. P. M. A. — Refere paciente que ha cerca de um ano meo começou sentir um estado vertiginoso, que foi se agravando progressivamente: conta que isso se dava com maior intensidade três dias por semana em aumento progressivo das segundas para as quartas-feiras.

Esse estado vertiginoso era desencadeado pelo ruído de lapis do bedel batendo no vidro da porta de um dos anfiteatros da escola.

Seguiam-se-lhe náuseas, entrando a seguir em um estado de sonolência, com anestesia profunda dos centros superiores.

Imediatamente seguiam-se dores fulgurantes acompanhadas de imenso edema da região intercrural anterior. Nesse estado permanecia cerca de 50 minutos, ao fim dos quais notava aparecimento de vômitos incoercíveis, dispepsia de esforço e dispnéa de estase.

Procurou vários clínicos endocrinologistas, os quais aconselharam, mudança para os ares de V. Clementino. Nesse estado deu entrada neste serviço.

ANTECEDENTES PESSOAIS: — Refere o paciente que sofreu por vários períodos de sua vida outros surtos semelhantes esse. Foram identificados como sendo de origem alergica. Os alérgenos diagnosticados foram: T. Cruzii, Plasmodium Decourti, Ciclops malacrostaceus, Amblyoma romeu, Cobrinha vulgaris, Nevius

pigmentatus, Calazans bacillus, Florianela pestis, Melococcus atonico, Aytosa maculipenis (carijó), Entamieba barretus, Norbertus pericanalicularis, Minhonela, Boofilus foca demais fitiloides...

ANTECEDENTES FAMILIARES E HEREDITARIOS: — Pai — médico; sofreu moléstia idêntica durante o curso.

Mãe — pam... pam... pam... (as três paucadinhas de estilo).

Demais parentes: — Bem obrigado!

EXAME FÍSICO: — Cabeça — cefaléa permanente e estado vertiginoso já referido na história; frequentes crises de estenose mental, reumatismo cerebral (violentas dores quando pensa).

Couro cabeludo: — "Tinha". Agora tem "pelada".

Olhos: — Queimadura do quarto grau. Pioses das pálpebras. Hipertrofia do aparelho lacrimal (não adianta chorar).

Ouvidos: — Comunicantes entre si (entra e sai...)

Garganta: — De mais...

TORAX: — Infundibuliforme (é "negro" mais fundo que nós já vimos), cifose e lordose pronunciadas.

Inspeção, Palpação e Ausculta: — O doente se recusa tirar camisa. (Paciência...)

ABDOMEM: — Agudo.

Inspeção, Palpação e Ausculta. — Meteorismo pronunciado.

MEMBROS — Esquálidos.

SIST. NERVOSO: — Em tanga.

DIAGNÓSTICO: — Modalidade nova de doença alergica. **Alérgeno PÓ DE PITEIRA.**

TERAPÊUTICA: — Paleativos.

1.º, cabulação. 2.º, hipnóticos, ao notar os primeiros sintomas. 3.º ALFINETE.

Tratamento heroico.

1.º, mudança de vida. 2.º, 50 anos de

## ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO C.C.D.

Subseqües da recente nomeação do Russo para presidente do C.C.D. (Clube dos Chatos Domésticos), fomos procurá-lo, afim de o entrevistarmos. Foi assim, que numa dessas tardes ensolaradas, nos dirigimos para o Lago da Sabedoria, séde oficial do C.C.D., lá encontramos nosso amigo sobre a verde relva, refazenda-se de um dia de intenso expediente, pois houvera colloquio do Ciro, e o Russo chateara todos os colegas, afim de irnos assistir ao mesmo.

Depois da costumeira introdução, fomos logo perguntando:

— Satisfeito com sua eleição para o C.C.D.?

Ao que o Russo nos respondeu com aquele seu modo característico:

— Naturalmente. Imagine vencer um pareo desses, com adversários à altura do Montessante e do Reñé; porém confiava nos meus dotes "chatísticos", éles felizmente prevaleceram.

Dissemos então, que a sua vitória havia sido justa, que todos já esperavam, fizemos votos de uma gestão profícua e à altura de tão "chato" presidente. A conversa tomava-se animada. Tomamos, então, palavra, analisamos outra pergunta:

— Há muito que sente vocação para chato?

Ao que nos respondeu:

— Isso é tão velho quanto eu. Lembro-me perfeitamente de algumas passagens, que não deixarão qualquer dúvida sobre as minhas qualidades. Com alguns meses de idade, eu tinha um choro tipo apito de locomotiva, e como me divertia, ao ver, altas horas da noite a turma de casa acordar com a minha choradeira. Aos quatro anos, já assobava a Manóka, em tempo de samba, valsa, etc.

— Que garoto precoce! — Exclamamos nós, admirados com tanta chateação.

— ... E tem mais, meu amigo; porém se eu for contar ao "Bisturi" todas as minhas aventuras chatísticas, não há papel que chegue.

Como insistissemos, continuo nosso interlocutor:

— Vou citar somente algumas passagens, que contribuíram bastante para a minha eleição ao cargo de presidente do C.C.D.. Como todos sabem, quando jogo futebol, falo por "tudo quanto é junta" como é divertido ver a reação dos companheiros. Que caras de chateados que fazem. Quando eu duvido da integridade moral da família do juiz, então é que é gozado. Ai se éle quiser me expulsar do campo... Ah! Ai é que tem! Acabo com o jogo, e ninguém mais joga, nem que seja para eu falar tanto até estourar a bola.

— "Eh nego duro!" — exclamamos nós, entusiasmados.

— Não, não é só isso. Você deve ver a cara do Luiz do bar, quando eu canto aquela quadrinha:

O "seu" Luiz do bar  
 Leva a vida como quer  
 De dia explora os alunos  
 De noite..... (censurado).

O Luiz fica roxo de raiva. Ah! Ah! Ah! Ah! Mas é divertido "pr'a burro"

— Quanto aos futuros planos do Clube, o que é que você me diz?

— Em primeiro lugar, — continuo o Russo, — pretendemos, não é mesmo, aumentar, não é mesmo, o quadro social, convidando, não é mesmo, certos professores, não é mesmo, para fazerem parte como socios honorarios, mesmo devido às suas grandes qualidades chatísticas. Como já era tarde, e já sentissemos forte distensão sobre o cremaster, achamos de bom alvitre nos retirarmos. Despedimo-nos do Russo, levantando, tropeçamos em algo. Com muito custo dirigimo-nos para a porta do bar, mas qual não foi a nossa surpresa ao vermos que não mais a conseguimos passar. Foi então que pensámos com nós mesmos: "Que grande presidente".

REPORTER OSSO

degrede perpétuo da Faculdade; 3.º, Velosar no segundo ano (bomba perpétua). 4.º, Não estudar anatomia no 2.º ano, pois o Calazans bacillus é mais fraco.

PROGNÓSTICO: — Vai tã.

P. S. — Qualquer semelhança... etc. tal... não é mera coincidência, é BATATA!

OBSERVAÇÃO FEITA POR: — Tô que nós dizemos.

# Exmo Sr. Diretor Carta aberta ao

Exmo. Sr. Dr. Benedito Montenegro.  
Tomo a liberdade de vir à presença de V. S. solicitar sua atenção para seguinte:  
A Cadeira de Clínica Oto-rino-laringológica tem suas atividades suspensas desde o início do ano passado, quando foi retirada do Instituto de Radium. Dizia-se, naquela época, que seria primeira Clínica ser instalada no Hospital das Clínicas, devendo iniciar o seu curso em julho do mesmo ano.  
Entretanto, um ano já se passou, desde a data apregoada, a Cadeira não está em funcionamento.

Ainda mais. Sendo uma Cadeira de semestre, e sua instalação no Hospital das Clínicas estando prometida para o mês de julho de 1943, resolveu a Direção da Faculdade que os quarto-anistas de 1943 frequentassem todos, no primeiro semestre, a Cadeira de Dermatologia, e não apenas a metade da turma, como deveria ser, alegando que o segundo semestre seria reservado para Clínica Oto-rino-laringológica, no momento impossibilidade de lecionar seu curso por falta de instalações. Essa atitude da Diretoria foi funesta porque teve mérito de tornar absolutamente ineficiente curso de Dermatologia em 1943, que foi dado nos pequeníssimos consultórios do Prédio Conde Lara, locais para não mais de 8 pessoas, aí foi dado, repetimos, para turmas de 30 a 40 alunos! Tivemos um péssimo curso de Dermatologia, apesar da imensa boa vontade e do sobre-humano esforço dispendido pelo Exmo. Sr. Prof. Dr. Aguiar Pupo e seus assistentes. Quanto tempo perdido para que uns 10 ou 15 alunos, de cada uma das imensas sub-turmas que enchiam os consultórios do Conde Lara, pudessem verificar consistência de uma determinada lesão. Quanto sacrifício por parte dos doentes!

Sacrifícios inúteis. De fato, chegou o segundo semestre Cadeira não deu início às suas atividades.

O pior de tudo é, Sr. Diretor, que ao se inaugurar Hospital das Clínicas, entrou em funcionamento imediato a Clínica Ortopédica e Cirurgia Infantil, que vinha funcionando normalmente na Santa Casa não tendo seu curso interrompido há um ano com a Cadeira do Prof. Paula Santos.

Estamos em agosto de 1944. Desde a época em que cessaram as atividades da Clínica de Oto-rino-laringologia deveriam ter passado por ela nada menos de 4 turmas (2 sub-turmas do atual 4.º ano e 2 sub-turmas do atual 5.º ano, para sermos mais exatos). Pois bem, além da Clínica do Prof. Godoy Moreira, que está em funcionamento, diz-se que em breve outras Cadeiras, que atualmente estão instaladas na Santa Casa, iniciarão suas atividades no Hospital. Ora, quer nos parecer que a primeira preocupação que se deveria ter no momento é a de se dar instalações e se reiniciar curso da Cadeira que o tem suspenso há mais de um ano, e não se dar pressa em transferir clínicas que estão funcionando sem interrupção. Já não seria sem tempo que se dispensasse um pouco de atenção à Cadeira de Oto-rino e se evitasse uma possível colisão entre o seu funcionamento e o de outras cadeiras de modo a não se diminuir a eficiência do seu e dos outros cursos, como já se deu com o de Dermatologia em 1943.

Não nos cabe, Sr. Dr. Diretor, inquirir o porque do atual estado de coisas. Certo é, entretanto, que a presente situação está a ex-

gir uma providência imediata. Com esse fim é que me dirijo V. S. esperando que nossa solicitação seja tomada em consideração.

A. C. DE MORAES PASSOS.

## FRASES CÉLEBRES

Mais vale 2 coalhadas que 1 litro de leite.

Eliaz

\*

Ah! Sei, sei, sei, sei, sei, sei,...

Paulo Prado.

\*\*

A “albenúria” permite o “deagnostico” e o “pregnostico” melhora com “selecelato”.

Spinelli.

# “Sociedade de Endocrinologia e Nutrição”

(Sob a direção e orientação científica do prof. Franklin A. de Moura Campos e do dr. Cyro Camargo Nogueira).

Colegas

Como foi previamente anunciado realizou-se no dia 9 do corrente, uma reunião de alunos da Faculdade, durante a qual se concretizou com a escolha da diretoria provisória a ideia da fundação da Sociedade.

Aprovada por unanimidade pelos presentes ficou assim constituída a diretoria provisória:

Presidente: Joaquim Lourenço; Vice-presidente: Reynaldo Paschoal Russo; Secretario Geral: Ulisses A. Silva; 1.º Secretario: Jorge Demetrio Haick; 1.º Tesoureiro: Oswaldo P. Mariano; 2.º Tesoureiro: Walter Bloise; Orador: Sharif Kurban.

Como atribuições da atual diretoria figuram: a elaboração dos estatutos,

organização da revista e nomeação de representantes da mesma em cada uma das classes do Curso Médio.

Estão sendo nomeadas comissões para a organização da Biblioteca da Sociedade, contando já com algumas obras de valor.

Cuida-se, presentemente por intermédio do Prof. Jayme Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Presidente do Conselho Técnico Científico dos “Fundos Universitários de Pesquisas”, da filiação desta Sociedade e de sua Revista àquela instituição.

Reiniciaram-se no dia 10 os colóquios de Endocrinologia e Nutrição a cargo do Dr. Cyro Camargo Nogueira, contando já com um ótimo número de colegas. Estes colóquios estão sendo efetuados em turmas de 20, no Anfiteatro de Fisiologia nas 2.ªs, 3.ªs, 5.ªs e 6.ªs feiras. Durante o período de férias os colóquios serão realizados na Santa Casa, com apresentação de doentes.

Esperamos que os distintos colegas se interessem por mais esta iniciativa, a primeira no genero realizada no nosso meio, que congregará os alunos e ex-alunos da nossa Faculdade e de mais interessados.

Manterá a Sociedade intercambio científico com as demais Escolas Superiores do País e possivelmente com as Universidades Americanas.

Serão afixados em quadro avisos sobre os dias e assuntos dos colóquios, bem como reuniões da Sociedade.

Outras informações serão prestadas no Departamento de Fisiologia ou com os membros da atual diretoria.

## Natação

Realizou-se no mês de Abril, uma competição entre o 6.º ano e a Faculdade, sendo vencedor o conjunto da Faculdade pela “magra” contagem de 96 a 87.

Como vemos a natação na Escola, continua como sendo o esporte esquecido, não devido a sua má direção, mas sim ao completo desinteresse dos alunos.

A competição acíma, não foi propriamente dos alunos do 6.º ano, e sim de 4 elementos (Musa — Takaoka — Yahn — Gusmão) contra a Faculdade.

Devemos levar em consideração, que si não fosse a desclassificação do Yahn, e a cainbra do Takaoka na ultima prova, jamais teriamos vencido.

Portanto, vamos de mal a pior. Este ano ainda contamos com esses bravos elementos, que apesar de serem doutorandos, ainda pensam no bom nome da Escola, talvez devido ao fato de terem pertencido à famosa turma que chegou a ser IV Campeã Universitária de Natação.

Porém são os últimos remanescentes.

Que faremos o ano que vem? Antevemos a debacle que se aproxima, precisamos urgentemente de um sóro de (Boa Vontade).

Os médicos nos desafiaram, porém nenhuma reação tivemos; fizemos de conta que não tomamos conhecimento do mesmo.

Competir com os mesmos seria uma loucura.

Esperávamos este ano novos elementos, porém tudo falhou novamente, o tão esperado maná não caiu do céu.

Todos os esportes da Faculdade estão em fase de reerguimento precisamos também esboçar alguma coisa.

Os poucos elementos que possuímos precisam iniciar os seus treinos.

O nosso técnico virá, vamos obter dele os melhores ensinamentos, para que possamos na Mac-Med e na Olimpíade Universitária Paulista obter um posto honroso.

Pedimos pois aos colegas, uma grande cooperação.

H. S. R.

## Uma aventura do Américo

História em versos

A Bela e o Monstro

Eu fui passear no jardim;  
E achei uma flôr mimosa,  
Que disse então para mim:  
— Ó Bela, com és formosa.

“Palpitando”, fui colhe-la,  
E guarda-la com carinho;  
Tendo medo de perde-la,  
Seguí logo o meu caminho.

Ia andando devagar,  
E um grande susto levei!  
Um mostro veio tomar  
Minha flor, e eu desmaiei.

“SOMBRA”

## Velha história

Disse um verme com sarcasmo  
Ao ver Florisbela na cova:  
“Informam que é lamentavel  
Mas as luvas... uma óva!!!”

Já foste da Medicina  
Um valoroso esportista  
Mas estareis sentindo agora  
Um cheirinho de Mackenzista?”

E Florisbela que espreguiça  
Da parreira as lindas uvas  
Tal e qual como a raposa  
Perden o “bicho” e as luvas

CACIQUE

## FRASES CÉLEBRES

Deus livrai-me dos amigos porque dos inimigos me livrarei eu.

Zé Carlos.

A vida de solteiro é boa, mas a de casado é melhor.

Abeid e Calia

De primeiro ao quinto, ... Grupo 14, 15 e 16.

Isaias

Dieulafois prá mim é fichinha...

Sebastião

O que interessa eu dou em aula, o resta é galinhagem.

Lacaz

Estou satisfeito, minha obra é esta: reino das cogumelos.

Floriano

## CURSO DE PREPARATÓRIOS

Para os “Exames Vestibulares” das Faculdades de Medicina, Farmácia e Odontologia, Medicina veterinária, - Escola Paulista de Medicina, a cargo de:

ADHEMAR MONTEIRO PACHECO

SERAPHIM MARTINS

EMILIO SALUM

Acadêmicos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

EDIFICIO MARTINELLI - 21.º andar - Sala 2123

Fonc, 2-3524 — Das 17 às 19 horas

SÃO PAULO

# OS NOVOS LIVRE-DOCENTES DA FACULDADE

VERSOS DO DR. FELIX DE QUEIROZ

## Ignacio de Loyola A. Corrêa

Não é o Santo Ignacio de Loyola,  
Pois de Petronio muito pouco dista:  
Sua elegancia sempre dá na vista  
De tão perfeita, da cabeça á sóla...

Ele só não quer ser radiologista...  
E si alguém diz que é, logo se amola!  
Notavel violinista, descuróla  
De suas descobertas uma lista:

Descobre tudo! e toda gente o chama  
De "COLOMBINHO" — tal a sua fama  
De tudo descobrir, logo num tombo!

E tem se consagrado a vida inteira  
A descoberta de uma chocadeira  
Para chocar o ovo de Colombo...



## Charles Edward Corbet

Gosa o tempo integral e nesse horario  
A vida alegremente descortina,  
Dividindo o mistér de "boticario"  
Com "mergulhos na beira da piscina..."

Quero saber mais do que o vigario  
Galeno — seu avôr na Medicina,  
De Tio San foi fuçar o formulario  
Para ver preparar o sôro-albumina...  
Voltou sabendo tudo direitinho:  
Num gral, num alambique ou num  
Demonstrou que sabia prepara-lo!

Sentindo-se porisso tão feliz,  
Triunfalmente pela Escola quiz  
Carrega-lo o Regalo, de regalo...



## Mauro Pereira Barreto

Vive sempre a zunir nos seus ouvidos  
O zum-zum dos mosquitos que ele cata,  
Dizendo que a harmonia dos zunidos  
Para ele é uma linda serenata!...

E assim foi ter aos Estados Unidos  
Onde mostrou que é bamba na batata,  
Chocando para os sabios aturdidos  
O ovo de uma tenia saginata...

Pernilongos modernos, borachudos,  
Ele projéta claro nos estudos  
Que conduz com carinho verdadeiro!

E projéta em tamanha quantidade,  
Que foi preciso lá na Faculdade  
O Pessoa comprar um mosquiteiro!...

Tudo na vida é um sonho...  
Por vezes lindo, por vezes pesadelo  
Tudo na vida é riso  
Por vezes franco, por vezes ironico  
Quantas vezes amamos loucamente  
Por vezes material, por vezes espiritualmente  
No primavera todos se unem  
Serres da mesma especie procuram-se mutuamente  
Para a construção de um lar feliz  
Um olhar, um sorriso, um pensamento

## «Numa aula de tarde»

Na fila primeira, lá estavam...  
Os "badalos", sem fim, cochilando...  
Dormiam, sorriam, brincavam...  
E o "dotor" prosseguia julando...

Russo, o badalo mór...  
Escrevia folhas sem fim...  
Anatomia, já sabe de cor...  
"Issô cle conta pramim"...

Pedral, metido a balão...  
Ao "mestre" ouvidos deu...  
Finda aula, caiu no chão...  
O pobre, quasi morreu...

Laurindo, vulgo Butuca...  
Da turma é o mais "gostozão"...  
Numa carreira maluca...  
Escreve até "palavrão"...

Luífo, chamado feitosa...  
Lá em cima, até da dó...  
Numa soéca gostosa...  
Acorda até o Nebó...

Zé Meira, Foguinho e Braguim...  
Das aulas não manjam nada...  
Mas com "BOLAS DE MARFIM"...  
Dão cada "bruta tacada"...

Cori, Plínio e Omir...  
Vão a aula pra escrever...  
Preferem, pore, dormir...  
A prestar atenção e morrer...

A turma está toda a esmo...  
O Dr. Calazans... tá falando...  
Mêsno... mêsno... mêsno...  
E a turma vai risonando...

Por fim, tóca o sinal...  
A aula já termiou!!!  
"Mas como se dorme mal!!!"  
O Rafael resmungou...

DEDINHO

## Tempestade

I  
O céu era tão lindo e de repente  
Um ponto negro surge e assustador  
Cresce, atingindo mui rapidamente  
Proporções dum gigante ameaçador.

II  
O vento ruga clamorosamente  
Turbilhões levantando com furor  
E o céu tão baixo e negro causa a gente  
Indiscritivel impressão de horror.

III  
No horizonte os relampagos estalou  
Fazendo estremecer os que se calam  
Pra do trovão ouvir a vós que aterra.

VI  
E a chuva que a cair então começa  
Leva consigo, quando depois cessa  
A angustia que envolvia toda a terra.

BERNARDO MARTINS

## PRIMAVERA!

Novo encontro, novo olhar, uma apreensão  
Sim ou Não?  
No fim um passeio — braços enlaçados...  
Que bom...  
Passa o tempo — passeio — caso diario  
Isso tudo não é nada... pois até  
Schistozomas descem acasalados ao plexo hemorroidario  
[do amigo.]

Dedicado ao meu amigo B. O. M.

N.

## Ariovaldo Caselli Carvalho

Nasceu em Cajurú! E desde então  
Vem curtindo um teimoso celibato:  
Cupido não lhe atinge o coração  
Pois na hora ele pula como gato...

Tera sorte não quer de Pac-Adão...  
Diz que mulher é pedra de sapato!  
E o Didi-Cajurú é um solteirão  
De medo de casar!... e o medo é mato!

Porisso se desdobra o Ariovaldo:  
Lava, engoma, costura e faz caldo  
E sosinho costuma fazer feira...

Mas agora que é livre-docente  
Tão livre não está de um doce ente  
Que o ensine a lidar com mamadeira...



## Arrigo Antonio Raia

Você não é de muita brincadeira  
E muito triste quasi sempre está,  
Embôra tenha ido com o Moreira  
Dançar a conga lá no Guarujá...

Assim contou-me a turma da "terceira"  
Em cuja lingua só veneno dá,  
Que a causa da tristeza é a cabeleira  
Onde cabelo mesmo já não ha...

Paciencia! Que os cabelos que se soltam  
Não são as pombas que de novo voltam  
Ao ninho primitivo dos pombais!...

Porisso deire que o cabelo caia,  
Na esperança feliz, amigo Raia,  
Que é dos carecas que elas gostam  
[mais!...]



## Bernardino Tranchesi

Duas vezes docente! E' colossal  
Quando põe-se a estudar de sol a sol!  
E bom bêque que é futebol  
Na defeza de têsse foi igual!

O esporte para ele é capital:  
Tem tutano a valer, maque de escol!  
De medalhas possui tamanho rol  
Que o Goering pode ser rival...

Cultiva a lingua e ama o neologismo!  
E ao termo que fabrica dá o batismo  
Melhor do que faria um bom vigario...

Depois do que, glorioso, não discute:  
Estira a perna num tremendo chute  
E com ele faz "gol" no dicionario!

# A ventura de Don João

# COMENTANDO...

Ha cinco dias que ele a perseguia tenaz e inultamente. Porque será que ela não lhe dera uma chance sequer?

Por acaso ele não a merecia? Tentára, em vão, aplicar seus parcos conhecimentos de psicologia. Porém, tudo fôra inutil.

Todos seus golpes, e não eram poucos, tinham resultado em completo fracasso. Sua mente já se desesperava: — engendrava os mais diabólicos processos, consultava os mais eminentes de seus amigos. Tudo, tudo inutil. Não faltara nem sequer um dia, à hora aprazada. Mas qual! a julgava, certamente uma ingrata. Também pudera, cinco dias a fio, à sua espera.

Mas, não! Ele não perdera todas as esperanças, ainda. Devia tentar mais uma vez. Também seria a última. Desta feita, as condições eram bem mais favoráveis. Sábado de sol; acordara com o plano feito: espera-la-ei à tarde, à sua saída. Faria deste, um sábado inglês. Almoçou às pressas. Vestiu-se com esmero (colocou seus "black-glasses" e os "crocodilos" de trezentos cruzeiros).

Passou pela caixa economica. Daí a pouco amassava nervosamente, um papeis garruchados. Enquanto a esperava, procurou distrair-se: — tomou uns cafézinhos, bebeu umas garapas. Sentia-se atordado. Porque seria? Ele... acostumado às aventuras e desilusões.

Vagabundeou ainda um pouco, até que: — chegará enfim a hora!

Foi ao seu encontro. Ali estava a "preferida", a "predileta", a "favorita" de seus sonhos, e ele enchendo-se de "confiança", foi direto a ela. Espantou-se: — muitos outros também estavam ali, a espera-la. Daí há segundos, uma boca escancarada, exultava, treando: — "ERNA, PINTA, deu grupo par". E assim, novecentos e vinte e cruxa, acrescentaram-se aos minguados centavos do nosso tesoureiro.

A sorte viêra finalmente, ao seu encontro.

O LEÃO AMIGO

# Moral médica

Sob o titulo acima, foi publicado no último numero do Bisturi, um artigo comentando a importância dos conhecimentos da "Deontologia médica" e a ausencia de uma cadeira com este nome na nossa escola. Queremos apenas chamar a atenção do distinto colega para o fato de que, no 6.º ano da Faculdade de Medicina de São Paulo, existe uma cadeira de Medicina Legal, na qual a terça parte das aulas teóricas versa sobre Deontologia Médica, em todos os problemas apontados, como a eutanásia, o problema das práticas anti-concepcionais e dos abortos e esterilizações, além de muitos outros, por exemplo: o segredo medico, honorarios medicos, o medico e a morte, o medico nas relações com os seus colegas, com o cliente, com a sociedade, etc., etc., são abordados minuciosamente e por um professor que molda tanto as suas palavras, como os seus atos de vida pública e particular, pelas regras da moral cristã mais restrita e pura.

Se a moral e o medico nem sempre são termos sinônimos, não devemos inculpar a nossa Faculdade, que ao menos nesse ponto procura dar aos jovens esculapios e noção exata de seus deveres. E, não são frequentes as transgressões dos dictames da Moral Médica entre os formados pela Faculdade de São Paulo.

Veronica Rapp.

Maurício de Medeiros, em "A Gazeta", de 9 de maio p. p., numa das crônicas que habitualmente insere naquele vespertino paulista, fez interessante comentário em torno da verificação de menor afluência de alunos para a Faculdade de Medicina, em relação a outras Escolas Superiores que preparam para profissões técnicas aplicáveis ao desenvolvimento econômico de nosso país. Cita, mesmo articulista, fenômenos curiosos verificáveis nos concursos para cargos médicos de pequena remuneração, afirmando mesmo que muitos profissionais são contratados por tarefa, sob as condições de cobrar 80 centavos em cada exame médico, num limite máximo de 42 exames diários. "E' o que paga hoje o carioca ao engraxate para que lhe limpe as botas", diz Maurício de Medeiros.

Outros há, ainda, que se contentam com remuneração de 600 700 cruzeiros mensais em Institutos e Departamentos do Estado, vencimentos "inferiores aos de contínuos ou de guardas civis", comenta o autor.

Por outro lado, "a carência de técnicos legalmente habilitados no país é tamanha que assim que os rapazes da Escola Nacional de Engenharia completam curso encontram imediatamente boas colocações em empresas particulares, de tal forma que nem se preocupam, como outrora, em buscar qualquer emprego público". Firma-se, depois, nosso articulista, num fato isolado para mostrar a menor afluência de estudantes às Faculdades de Medicina: relata o que se passou no Rio de Janeiro, onde, tendo sido aumentado número de vagas, no 1.º ano, 47 lugares não foram preenchidos.

O problema é, de fato, delicado. Procuraremos contudo, abordá-lo, fim de que possamos garantir o prestígio de que goza tão nobre carreira.

Começemos estudando a parte que se refere ao grande número de profissionais para ocupação de cargos pouco vantajosos financeiramente: quer-nos parecer, antes de tudo, que o fenômeno resulta de uma falta de caráter bem formado, de uma ausência de formação espiritual conveniente entre muitos médicos principalmente dos centros grandes, onde proliferam, em número muito maior, meios ilícitos, desonestos, reprováveis ao extremo, para obtenção de grandes somas, usando título, vergonhosamente e desmoralizando a profissão; para tais elementos que infelizmente são numerosos, é bem mais interessante, para poder atrair maior número de clientes, colocar sob o cabeçalho uma expressão que sugere a lei-gos: "Médico do Instituto tal" ou "Do Departamento tal do E. tal".

Devemos, contudo, ressaltar um ponto bem delicado da questão, sem o que cometeríamos injustiça para muitos servidores dignos dos mais calorosos aplausos, para muitos médicos que merecem, de verdade, o título que a Faculdade lhes concedeu. Por vezes, nestas localidades em que há grande número de médicos, em virtude da falta de caráter de muitos outros, alguns valores reais começam assim torturarem-se conhecidos; fazem, então, a verdadeira medicina, almejando campo para aplicação de seus conhecimentos, sem se preocupar, de maneira alguma, com quanto lhe pagarão "per capita"; fazem no início da vida prática, com absoluta honestidade, com bastante carinho, aquilo que lhes foi negado no fim de sua vida acadêmica: procuram contacto com doentes, com casos que os levam novamente aos compêndios de Semiologia, de Terapêutica ou de outra qualquer parte da Medicina.

Deixemos então, bem evidenciada, esta parte da questão que analisamos; precisamos distinguir perfeitamente profissionais honestos que se prendem a tais ocupações para ampliar seus conhecimentos médicos daqueles decadidos e fracassados que aos mesmos se apegam avidamente, procurando fazer com absoluta ausência de carinho, sem nenhuma dedicação, o número máximo diário que lhe foi estabelecido, visando, com isso, simples e unicamente, obter maior prestígio em outros setores em que se prevalece somente do título, para obter meios de subsistência.

O número de elementos de ambos os grupos, é obvio, é maior nas capitais e nos centros populosos; constituem minoria aqueles que se entranham logo pelo nosso Brasil extenso, de população doente e de poucos recursos médicos generalizados.

A situação desprivilegiada, monetariamente falando, do médico em relação ao técnico deve ser considerada também de maneira criteriosa. Começemos investigando a natureza do objeto

com que lida o engenheiro e a daquele com que joga o médico. Aquele tem, para seu trabalho, elementos inanimados, destituídos de poder de reação — ainda que não seja de maneira absoluta — ao passo que este joga com elemento vida do seu objeto, que é dono de vontades e de impulsos, que reage e interpreta. Não pode um médico reunir obrigatoriamente 20 doentes em seu consultório, diariamente, mas pode o engenheiro quotidianamente reunir 200 vigas de aço numa construção que está realizando. Não encontra o engenheiro uma viga que resista à ação de uma potente máquina que a contorça várias vezes, mas depara o médico, com muita frequência, clientes pouco instruídos, porém com leitura de publicações perigosas, de caráter popular, sobre questões de doença, que dificultam determinados tratamentos.

Porventura alguma viga de aço já mostrou ao engenheiro o desejo de ficar aqui ou ali, naquele prédio? Mas alguns médicos já tiveram doentes que, em chegando no consultório, afirmaram: "Doutor eu tenho isso preciso tomar aquilo".

Si os técnicos de hoje logo se colocam com boa remuneração, em empresas particulares, nada fazem que aproveitar, inteligentemente, desenvolvimento material marcante de nossos dias.

O fenômeno ocorrido no Rio, com relação à sobra de vagas é oposto ao que se verifica em nossa Faculdade, onde a média mínima para entrada foi 65,6, havendo 225 inscitos e 80 classificados.

Por outro lado, não podemos deixar passar despercebida a afluência de alunos para outras Faculdades de Medicina disseminadas pelo país, onde ingresso é bem mais fácil, constituindo tais Faculdades simplesmente

escada que dá acesso à Escola da Fraia Vermelha ou a nossa Faculdade, quando há vagas e as transferências são possíveis. E assim terminam seu curso, sendo geralmente tomados, logo no início da vida prática, de um medo por incompetência, que os leva a perder o ideal pela carreira a ganhar ânimo para que se prevaleçam do "título" na obtenção de meios com que garantam sua subsistência.

Mais um ponto esclareçamos: o que citamos com relação aos elementos que se transferem não é regra geral e, embora constituam minoria, poderemos encontrar entre eles elementos de valor, capazes de grandes realizações em medicina; geralmente, por constituirem minoria, foram prejudicados por aqueles colegas que desde o início, que almejavam foi o título simples e unicamente.

Finalizando, tentemos concluir alguma coisa com relação ao que se passa hoje na classe médica que já chamou a atenção do articulista mencionado desde o início: é tarefa difícil e potisso assim iniciaremos: ao que parece, todas as faculdades de Medicina do Brasil entregam diplomas muitos elementos que de maneira alguma poderiam obtê-lo, por serem donos de má formação espiritual que não resiste à tentação do muito ganhar dinheiro, usando o título e esquecendo a nobreza importância social da profissão; por serem donos de má formação profissional que os leva à inércia ao desânimo diante dos casos complexos que a medicina apresenta; por serem tomados daquela tendência a abraçar uma vida cheia de comodidades materiais ilusórias, relegando para planos inferiores tudo quanto não traga, de maneira imediata, para seus bolsos, meios de obtenção destas mesmas comodidades.

SÉRGIO CARUSO

# Um retrato... O meu futuro

Eu estou escrevendo relembrando... volto 12 anos atrás em minhav ida.

Eu era então um menino que iniciava a sua vida escolar; lembro saudoso a minha infância.

Foi nesta ocasião que eu contemplei pela primeira vez, através de uma fotografia, este meu segundo lar, esta minha escola querida onde aprendo sempre com o passar dos dias, onde eu vivo transbordante de alegria disposição. Papai, por volta de uma viagem à Capital, trouxera um foto da "FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO". Quando dei com aquele monstro de concreto, espalhado entre jardins verdejantes, todo circado de janelas, eu acostumado naquela cidadezinha, onde não existia arranha-céus como aqui, fiquei exultante de admiração. Lembro-me muito bem, quantas e quantas vezes eu abri a gaveta para tirar e contemplar aquele casarão imenso. Para mim era um sonho existir coisa tão linda.

Um dia, não me contendo, e na ingenuidade peculiar às crianças, cheguei a fazer papai prometer, um dia levar-me até lá, o que aliás, não me foi negado como sempre.

Passei a sonhar quando havia de chegar esse dia prazeroso.

Mas os anos passaram, a vida transformou-se em mim, passei de menino rapaz, fui para um colégio interno em Campinas sem que meu sonho fosse realizado; o de ver, de sentir de perto aquela casa imensa, que me punha susto, mas que me fazia sonhar com cousas belas.

Já agora, quando lembrava no internato a foto da Faculdade, não queria apenas vê-la de perto, estava disposto a nela permanecer durante muito tempo, para dali sair transformado num cidadão humanitário, cheio de nobres sentimentos, num médico... Chegou o dia em que iria vê-la pela primeira vez, e ao mesmo tempo enfrentar a barreira difícil que me separava da imensa casa.

Vinha acompanhado de meus pais, e no caminho, lembrei o pedido que havia feito a meu pai quando criança. Estava nervoso, mas decidido; veio o chôque, venci... Veio a calma novamente. Foi então que eu voltei a atenção, como danles o fazia por retrato ou em sonho, para minha escola, para aquela "maravilha concreta" que influiu decisivamente em meu ideal; que embalou durante tantos anos este ideal, num sonho rodeado de visões bonitas.

Entim, ela já era um pouco minha também. E eu passei entrar na escola, esquecido de tudo, olhando para chão, contemplando os desenhos de pedra ali feitos, as plantas que o ladeavam, aquela gente que entrava e saía em quantidade, como se já não estivesse acostumado, de há muito com estas coisas! E' que aquilo representava muito para mim; fazia-me recordar os primeiros dias de vida escolar, a minha infância, os meus pais bem mais moços, a minha vida bem mais simples. Os anos correm, meu encantamento ainda não passou. Ainda observo os desenhos do chão, a gente que passa, os jardins na primavera, etc., etc., etc...

Ainda entro todos os dias, com aquela ânsia de conhecer e de notar alguma coisa nova. Outro dia conversando com um novo colega, ainda disse-lhe: "Eu não sei! Cada dia que passa, eu descubra aqui uma coisa nova, uma coisa que me agrada; a escola não fica velha para mim".

De fato, para quem como eu, tem felicidade, o prazer único de viver rodeado por 80 colegas que são 80 amigos, e não só isso, mas sim por viver rodeado por rapazes como estes da escola, que sem saber o nome da gente, sem saber se estou no 1.º ou no 6.º ano, passam alegremente, sempre dizendo: — Como vai? Não pôde haver alegria maior.

Foi dentro da nossa escola que eu aprendi o quão é capaz de fazer, a união, de realizar a amizade. Por isso tornei-me operoso também; procuro sempre imitar o que se faz aqui neste meu segundo lar.

Às vezes penso e rio sozinho, dizendo comigo mesmo: "nunca pensei que aquele retrato fosse influir tanto em meu futuro, já naquele tempo havia hesolidado qual a minha carreira".

E' que "A FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO" já vivia em meu coração.

S. Paulo, 13-5-944.

TRAJÁ LOPES RIBEIRO

# FRASES CELEBRES

Química, história e literatura as 3 cadeiras fundamentais para um bom curso medico.

Milton Amaral

## Um passarinho espalhou por aí que...

O que vale na vida é o muque. Não é tanto assim. O indivíduo muitas vezes tem necessidade de fazer uso do "tutano", mas a força do espírito é imprescindível. Suporta-se, por exemplo, o caso de um estudante que pouco estuda e se dedica quasi exclusivamente à prática de exercícios físicos. O resultado é que ele poderá acabar carregando piano. Outra possibilidade existe: um estudante que só vive sobre os livros e ter de enfrentar a "blitzkrieg" de um carregador de piano; ele poderá ser amassado pelo piano e lá se vai toda a sabedoria. — Os estudantes têm capacidade, entretanto, de alcançar um meio termo. O ideal (atingível, sem dúvida, por eles) é que o indivíduo seja sábio e tenha a força de um estivador. Assim são os "doutores".

No entanto, pretender definir, estes últimos apenas desta maneira é uma injustiça. É obrigatório que se saliente a excelsa qualidade, por todos eles possuídos, de saberem como, suavemente, revestirem suas personalidades com um tom de elegância e modéstia. Chega-se, assim a uma pálfida definição: os "doutores" são sábios, são capazes de massacrar, são suaves, modestos e elegantíssimos.

Sabem perder, embora nunca percam, mas também sabem ganhar. São realmente sublimes, e acrescenta-se tal característica à pré-citada pálfida definição.

Movidos pelo mais elevado espírito de desprendimento, desejam dar uma oportunidade aos "rapazes" que encaneiam a Faculdade, de modo a que possam reconhecer suas deficiências para que possam fazer uma auto-reparação. Não foi outro objetivo dos "doutores" quando lançaram, há cerca de um mês, um convite aos que se julgam campeões entre os estudantes.

Infelizmente, a timidez abafou qualquer reação da "meninada". Fugiram de adversários mais fortes: curvaram-se diante de uma força esmagadora.

Mas os "doutores" não pretendiam assustar ninguém. Tais abençoadas criaturas, valendo-se de sua sabedoria, imaginaram um modo de facilitar uma oportunidade às centenas de alunos da Faculdade: uma competição poli-esportiva, em que se possam salientar os "rapazes" que sabem fazer uma pouca de esporte. Os "doutores" aproveitarão o "massacre" para seleccionar os estudantes que, talvez um dia, possam ser admitidos em sua classe.

Esperam medir as possibilidades dos "cata-ovos", dos Mesa, dos "demônios-louros" (Yhan), dos "galegos" (Rufino), dos "monstros" (Ubiratã), dos "pega-ladrões" (Ubirajara), do "Belo" no físico e no nome, dos "cetrizes" (Franca), dos "pintores" (ô que... ô que), dos "adrenálinas" (Cotrin), e tantos outros.

Aos que ainda percebem que têm sangue nas veias, os "doutores" apelam para que não fujam dos seguinte "canindé":

Soberanos, condescendentes, modestos, imensos pelos seus inúmeros dotes, anonimamente se inereveram os soberbos super-homes, identificados pelas seguintes iniciais, em tipo miúdo (que elegância!!!): Silvío, Julioma, Vadoca (melhor), Túne, "doutor", Milton, Bindo, Melega, a algumas dezenas a mais, todos com menos de 95 quilos.

### FRASES CÉLEBRES

Vejam esta zmeba!!!! está batalalmente tchípica!!!

Mauro Barreto

Bain, o que eu quero dizere não é bain isto.

Alberto

# Quanto à «moral médica»

Admira-me sobremaneira coraçom que e de arte de escrever. Falta-lhe tudo, por tanto. O senhor se propõe a discorrer sobre um tema muito delicado, o da moral, assunto que entrecocou os mais astutos e vivazes filósofos do mundo.

Todos que se propõem escrever sobre uma idéa qualquer devem ter conhecimento desta; e para apregoa-la devem saber como desenvolver-la, como levá-la de maneira mais fácil, compreensível e rápida ao espírito daqueles que irão estudá-la. Se foi essa pretensão de seu artigo, de doutrinar tão difícil tema, o senhor foi mal sucedido.

Quando li que: "si havesse um conhecimento ainda que rudimentar de deontologia médica, já não haveriam aqueles capazes de estranhar ao falar-lhes nesse assunto", logo me veio ao espírito: esquizofrenia, forma paranoica. Justifico-me: senhor apregoa lucidamente sobre bases falsas.

Tocando ainda muito incautamente na questão de "práticas anti-concepcionais ou fazendo abortos criminosos esterilizações diretas", o senhor se esbarrou noutra face delicada da questão. Sem quizer ler suas convicções e respeitando mesmo o seu culto religioso, sem que senhor tivesse deixado transparecer estas minhas afirmações no seu artigo, confesso que aquelas palavras "cheiraram-me à bafina", e muito proposadamente (pois sou livre pensador), deixo aqui transcrito um pequeno trecho de Nietzsche, do livro "La genesis de la moral", da coleção Tor, edições argentinas: "Los sacerdotes son los adversarios más perñidos porque son impñentes. La impñencia siembra en ellos un odio perverso, intelectual, siniestro y venenoso".

Mal sabe o senhor que em questão de abortos esterilizações, medicina está completamente em campo oposto ao das religiões. Nos casos em que urge uma esterilização ou um aborto, pratica-se si se é um bom médico, no afã de bem servir à sociedade e à eugenia. Deixará perecer uma vida que exige cuidados gastos da sociedade, em troca de um ser criada em formação se ele se esquece de que é um médico.

É lamentável quando diz: "o ideal seria uma cadeira de deontologia médica" "enquanto não o possuímos procuremos pelo menos conhecer o assunto através da literatura especializada". O senhor não tem o direito de recomendar livros dessa literatura especializada. Não sabe o colega que a acatado professor Flaminio Fávoro, já há vários anos vem lecionando no 6.º ano da nossa escola, a Deontologia Médica, que esse eminente professor e consultor técnico do Estado, publicou um livro cuja leitura no intuito de se "obter" moral médica, dispensa perfeitamente aqueles compêndios que o senhor recomenda mas que talvez nunca os tenha lido. Retiro-me em separado ao "Compêndio de Medicina Católica", cujo título é um contrasenso, pois que, não há medicina católica, nem protestante, nem, espñita: que há é essa medicina que se ensina em todas as escolas, quero dizer, a "arte de curar e conservar a espécie".

Antes do senhor escrever novamente sobre moral, recomendo-lhe leitura de dois livros básicos de maior moralista do mundo: Emerson. São eles: "Normas mentales", edição argentina, em espanhol "Emerson's essays", edição norte-americana, em inglês.

Ao infeliz cronista, meus pêsames.

IBRAHIM MATHIAS

# CAVEIRISMO

BISTURI DA SILVEIRA

*O bonde ia rodando p'ra cidade,  
Lá dentro dele, cheias de maldades,  
Viajavam moças do segundo ano.  
As vidas tesouravam dos colegas,  
Entre os quais se contava o humilde Degas.  
Que para manga deu talvez bom pano...*

*"Os grã-finos, meninas, vão rareando",  
Foi logo do magote uma falando,  
Deplorando bastante que estudantes  
Lutassem pela vida. "Esses meninos  
Que trabalham não são, pois, os grã-finos,  
Que gostamos de ouvir, tão bem — "soantes".*

*Mas, sem querer, atrás, no duro banco,  
Do dito bonde foi, pálfido e branco,  
Ouvindo os nomes todos mencionados,  
Um colega mui bom, mui prestimoso,  
Que noticia nos deu, meticuloso,  
Dos fatos no veículo passados.*

*— Consequência fatal do comentário  
Das colegas gentis do nosso curso:  
— Vou fazer-lhes versinhos mui sinceros,  
Que nada têm, garanto, de severos.  
Podem mesmo ficar num relicário...  
(Não me chamem, porém, de amigo "urso").*

*Amigos, vinde ver! meu Deus do céu!  
Nossa cara colega, a magra Cléo,  
Disponível ficou uma vez mais.  
A morena tirou já sua aliança,  
A alguém dando portanto uma esperança,  
Pois não perdeu de todo o seu cartaz.*

*A tristeza  
Da Deolinda,  
oh! natureza,  
É coisa infinda.  
Essa tristeza  
Não é devinda!  
— É's bem tristonha,  
Dona Deolinda,  
Queum muito sonha  
Bem murcho finda!  
Sé mais risonha,  
Dona Deolinda!*

*Não é nada pequenina,  
Mas tem ares de menina.  
Assim Dirce vai vivendo.  
Mas a ninguém ela engana:  
Pensa que é a "incrível Suzana"?  
O contrário está se vendo.*

*De Dona Ruth nada digo,  
Nada tenciono contar.  
Tem um noivo. Está o perigo  
Em ao casal magoar.*

*Uma scartilha severa  
Para a nossa amiga Vera  
Iá eu compór agora.  
Mas como é quasi "masculina",  
Deixo em paz essa menina  
E vou dando, em paz, o fora.*

*Mas antes, rojões e traque,  
Que a nosso René Iazaki,  
Faz parte, cá, dessa gente.  
De que é a culpa, René?  
Do escrivão? Ou é de voc?é  
Se fôr sua, então agüente.*

*Pois eu sinto, meus amigos,  
Que este espaço  
Seja escasso.  
Mas, são grandes os perigos  
Porque passo.  
Aquí ficá o meu fraterno  
E bom abraço,  
Que vem do fundo do inferno.*

## Ordem da Cruz da Mascara

Com imenso prazer, apresentamos aos colegas os novos componentes dessa memorável ordem:

Como figura principal pontifica a hercúlea figura do formosíssimo Ayres distinguido ultimamente com a ordem gran-carnavalesca.

O chefe deste bando "alarga rua" é acompanhado pelo magestoso mestre leal o seguinho, o rei da mascara.

Rufino, o filium terminalis do mestre Maffei, o virulento Phtirus Montesanti e Eros o companheiro infatigável, são aplicados discípulos do artista Piolin.

Veloso, o Remoto e Brandão. O Técnico são os pandegos do Taboleiro.

Vanzolini, o clássico cometa, Piovesan, Elioterio e Miksian encerram a lista dos componentes deste "rancho" infernal, que tem por finalidade máxima, esmerar na apresentação do apêndice facial.

CACIQUE

# SONHO DE UMA TARDE DE VERÃO

O bonde parou na frente da Faculdade sem que ninguém precisasse tocar a campainha. Saímos. Como está belo o jardim da escola. Que relva, que grama, flores, borboletas, passarinhos!

Parece mentira, como está limpo o porão. O Jaboo nos cumprimenta e será possível não nos pede nada!

Dirigimo-nos ao barbeiro. O Lucas está sorridente, seus garotos tranquilos e calmos estão abraçados a um canto.

Não ha ninguém na frente para o cabelo. Corto o cabelo, faço a barba, aparo o bigode tudo em menos de 10 minutos. Quanto é? Cr. \$ 1,50! Dou gorgeta, mas eis que o rapaz não aceita! Muito obrigado, não é preciso.

Vou até o centro: Rafael pode ser o Bisturi? Pois, não, tenha a bondade de esperar um instante.

Impossível o que ouço e vejo. Dou um pulo ao bar.

Que beleza! Que asseio! Profusão de doces finos e baratos, empadas, pastéis, refrescos variados. Jamais me senti tão feliz e satisfeito.

Duas horas da tarde, subo até o anfiteatro. Começa a aula e que aula: precisa, clara, resumida, sem históricos, noções essenciais, todos prestam atenção, ninguém dorme.

Não é possível! não acredito, observo o ambiente, mas eis que ouço uma voz... é meu companheiro de lado que diz: acorda rapaz, o que é isso, lá está o Calazans a te observar.

Bem imaginava, tudo fora um sonho de uma tarde clara de verão, pois não.

Namorado de Capitú

# ANAMNESE DE UM PSEUDO FUTEbolISTA

Identificação: João Tranchesí. (Os restantes dados conferem com os da ficha da Polícia, do indivíduo vulgarmente conhecido por "Tranca").

Queixa e duração: Diarréia e incontinência urinária desde a finalíssima do Campeonato Interno de Futebol.

História progressiva: Refere o paciente ter começado a sentir os distúrbios acima, ao entrar em campo para o jogo 5.º ano versus 4.º ano. Aumentaram de intensidade quando daquele célebre goal de Gherardi, tendo entretanto se sentido melhor ao certificar-se da decisão do 1.º juiz da pugna, Montesanti (que pode ser "monte" mas não de santidade) que consistiu em anular o belo tento. Após alguns minutos o estado do paciente agravou-se em virtude do ponta C. C. Caricchio ter aberto a contagem às barbas da defesa contrária. E assim em crises e lises de tal sintomatologia conseguiu o doente sair inteiro do campo (mas vazio, é claro).

Em tempo: diz o paciente ter ainda sofrido uma grande angústia, ao determinar a entrada em campo de vários companheiros há tempos afastados da cancha em virtude de uma anamnese bem conduzida; entre eles achavam-se vários descompensados tais como o Gonçalves (Ca. da 2.ª bulha aórtica), e alguns herniados como o Chamas (há pouco submetido ao jogo bruto da equipe do Vasconça).

Antecedentes pessoais: (cortada pela censura).

Antecedentes familiares: Nada digno de nota, a não ser um irmão do paciente, o Dr. Tranchesí, há pouco atacado do mal incurável "professor ou livre-docente da Faculdade" (Pudéra! parece que lhe caiu o ponto um).

Etc. Etc....

K.K.

# FRASES CÉLEBRES

Pois não! mesmo o nervo do timpano é este mesmo, pois não!

Calazans

# Toque de reunir

Ehm, é a você colega contemporâneo de minha escola, se assim a posso chamar, a você que frequenta as enfermarias da Santa Casa, você que abriu as primeiras páginas do Testut ou Chitruigi, você doutorando que prestes está a nos deixar, a todos vocês que cursam esta Faculdade, que eu me dirijo para aclamar UNIÃO.

Por mais estranho que pareça, nós, alunos desta Faculdade, somos desconhecidos uns aos outros e à própria Escola.

É lamentável, mas é verdade nua, sem manto diáfano da fantasia, como diria um filósofo lá no porão. O destino para aqui convergiu nossos caminhos, mas, em vez de procurarmos uma praça única e comum, preferimos esconder-nos pelos becos que nela terminam. Eu os conclamo, justamente, para que voltemos a esta praça destinada a nos conter.

Vivemos debaixo de um mesmo teto, diante dos mesmos professores, olhos fixos nos mesmos livros e nas mesmas enfermarias; forçosamente, dentro de certos kmiles, nossa maneira de pensar deve ser a mesma, pois para cá viemos em busca de uma mesma aspiração, de um mesmo ideal: o ideal de sermos médicos sinceros e leais para com a sociedade, e o que é mais, para conosco mesmo.

No entanto você, aluno do primeiro ano, não conhece o seu colega do terceiro, você terceiranista, não se digna a olhar para o primeiro; a você doutorando pouco interessa o que se passa com o resto da escola.

Separando os alunos do curso básico, dos do complementar, estão as enfermarias hospitalares. Separando os diversos anos de cada um desses dois cursos, está o precioso orgulho individual de estarmos 365 dias adiante do colega e separando os 80 alunos de uma mesma classe, estão os grupos individualizados e não miscíveis — as célebres panelas, dentro das quais tudo é segredo, tudo é feito aos cochichos que ao calor do fogo exalam vapores que sussurram coisas nada agradáveis à panela vizinha. No entanto, nossas idéias são na essência as mesmas, porém, cada um a seu modo com roupagens diversas e disto nasce a confusão, incompreensão, cáos.

É preciso dissipar esse nevoeiro. Não pense, colega dos anos superiores, que aqueles problemas que atrás ficaram, foram resolvidos; você contornou o caminho, mas obstáculo ficou para os que atrás vinham — eles continuam de pé, mas nós os alunos dos anos inferiores precisamos de sua ajuda, precisamos de sua mão e para isso o chamamos. Sei que hoje você tem novos problemas e eles se lhe afiguram muito mais complexos do que os antigos, porém, não se esqueça daqueles outros que atrás ficaram e que continuam a estorvar. Se sua futura missão, é minorar os sofrimentos do próximo, porque não praticá-la desde já?

Volva sua face, lance um olhar retrospectivo, veja quantas pedras estão entulhar e caminhar jude-nos desimpedir a estrada. No futuro ela servirá não só para nós, como passarão e note que as gerações lutam sempre para melhorar as condições das gerações futuras, assim como as gerações passadas lutaram para nos legar esta Escola, com tudo o que nela existe.

Medite, tudo é questão de tempo, no fim todos nós seremos médicos e todos com DR no frontespício.

Precisamos pois batalhar por formações de classe cada vez melhores e mais unidas, pois só assim é que poderemos defender nossos interesses.

A UNIÃO é a base de tudo e ela deve começar já, agora que temos dentro de nós esta força viva, que é a força da juventude, responsável por tantos desastros mas também por tão grandes imarredouros empreendimentos realizações, porque ela traz dentro de si, força da justiça, vigor do direito, a pujança da verdade.

E nós somos cerca de seiscentos estudantes, seiscentos jovens que trazemos dentro de nosso peito esta força em estado potencial. Ela porém, deve ser transformada em energia viva deve ser aplicada como uma força única em um único ponto de ação; ela então será invencível e tudo levará de roldão. É imperiosa união. É preciso que deixemos de viver sonhando com uma Faculdade maior e vivermos a realidade do presente. Precisamos devemos resolver os nossos problemas atuais com energia e resolução e dessa luta tiraremos raízes para os problemas futuros que então surgirão.

É por isso colega do primeiro, segundo e demais anos desta Escola, que você me dirijo conclamando união. Precisamos nos congregar, porém, muito mais do que até agora temos feito. Devemos escrever em letras negras sobre um fundo branco todos os problemas que nos afligem, eles são tantos, atacá-los de uma vez, conscientes da justiça desta luta.

Precisamos devemos lutar por uma Escola que seja nossa, na inteira aceção da palavra, e não nossa, apenas no porão e no castelo da Escola.

Precisamos nos reunir em torno do CAOC e de sua diretoria, agora que temos à frente da mesma, um espírito realizador clarividente, que lá foi posto por nossa livre espontânea vontade, não para decorar a sala da presidência mas para que com ele lutemos, para que ele sinta a tiraz de si o apoio de uma escola inteira que luta e sabe pelo que luta, pois finalidade do CAOC é reunir todos os alunos num grupo homogêneo dotado de uma vontade férrea de realizações, empreendimentos reivindicações coerentes e justas.

Por isso eu apelo para você fogoso esportista, que às lutas leais já se acostumou, para você taciturno colega que aí no cantinho da

sala fica a pensar e que só conhece o caminho que o leva à escola, a todos vocês de todos os anos, porque de todos precisamos. Nós, alunos desta geração, precisamos ser os pioneiros desse levantamento moral de nossa classe. Nós alunos desta geração, precisamos batalhar sob uma única bandeira e abdicar para sempre a aquela "consciência de carneiro" tão bem dita pelo colega Ferrão. Nós, alunos desta geração, precisamos legar aos futuros alunos desta escola, tradições de fibra e vontade imarredoura, não de conquista, mas de reivindicações justas dignas da mocidade estudantina paulista, mocidade obreira, construtora e alerce de uma nacionalidade. Lutemos pois por uma escola toda nossa, símbolo de compreensão mútua e união fraternal, para que mais tarde cada um de nós, leve um pedaço dela em seu coração. Avante, pois.

Unificador

# NA PARASITO

A um estudante furioso.  
Disse o Loirinho dengoso,  
Com voz tremula e fagueira:  
Si queres passar te fálo,  
Sejas um grande badalo,  
Mesmo que o não cer... queira!!!

X 9

# Quarto 5

Mário Nobre

De início, era só a cabeleira flocada, vermelha, enorme, que se aproximava com uma rapidez vertiginosa. Depois, o rosto se desenhou, escuro, incompleto. Heitor chorava e sorria, quando perguntou:

— Só agora viste?

O rosto despregou-se lentamente e fechou os olhos. Um suor, pegajoso e húmido, escorria-lhe pela testa. Purrou mais a coberta para cobrir o rosto. E, então — pela centésima vez — a campina verde e manchada se estendeu aos seus pés. Heitor quis reagir, lutar contra imperiosa vontade de ir por ela. Inútil, sempre inútil, o seu esforço! Ele subiu o morro negro e abraçou-se aos cactus que lhe feriram o corpo. Deixou, com eles, suas mãos — era preciso fazê-lo, pela centésima vez — na volta (vinha numa carreira desabalada), as insígnias eram tumultuosas, inconsistentes e lhe davam a impressão de estarem sendo refletidas no espelho líquido de um rio de águas agitadas...

A mancha de fogo desenhou-se, agora nitida, inflexível, crescendo assustadoramente para ele. Heitor não chorou nem sorriu. Gritou, a plenos pulmões:

— Porque viste?

Apesar de toda a claridade, Heitor sabia que era noite. Mais trevas entre suas trevas; um silêncio maior dentro do seu silêncio. Apurou o ouvido e distinguiu, então, os passos habituais. Leves, compassados, quasi inaudíveis. Ficou em expectativa e perguntou-se a si mesmo, timidamente:

— Será, agora?

Os passos vieram se aproximando e ELAS entraram no seu quarto. Quarto 5. Com uns olhos suaves boiando num lago branco e imenso, perguntaram-lhe muita coisa. Ele escutava palavras soltas, pedaços de frases sem sentido para si: quantas noites... a morte dela... difícil. Heitor parado e trágico, olhava para dentro de si mesmo, para uma profundidade sem limites e sem luz. Então, caiu uma névoa sobre aqueles olhos suaves e eles se foram, tristes, tristes, tristes.

— Sempre as mesmas sombras — pensou Heitor — e deixou-se lentamente cair no chão...

# Wagner

MÁRIO NOBRE

Mundo conciente: leis, sistemas, números. Mundo inconciente dos delírios e das visões incompreensíveis. Mergulha, afunda-te nele com o ativo desprezo dos que nada temem. Já imaginaste comó amam as montanhas? Já concebeste, acaso, nós momentos em que tua palavra é resquilha e tua pena um traste inútil, a portentosa e inquietante angústia dos que têm um universo a dizer e o traduzem somente num gesto? Como é pequenino e ridículo este gesto...

— Vamos, fecha os olhos. Há wa música dolente, agora. Enebria-te. No teu corpo não há ressonância? Não vibram teus nervos? Não sentes, não percebes, não apalpas a alma desta música? E' um sentido novo dos sons. E' a harmonia em sua essência. E ha o ritmo cadente das carícias compassadas. E ha vida em latência. E, agora? E' o engrossar, escuta, o tumulto, o desespero! São gritos, não ouves? E a onda cresce, agiganta-se, vai derrubar os diques. O eco é a resistência surda. Mas, quem pode conter a vida?

Uma pausa. Resfolegar de cansaço. E a investida duplica em forças, com a desilusão da primeira derrata. Volta o sussurro. E' um arquejo que vai crescendo. Desdobra-se, espalha-se, freme, atróia. E' o turbilhão! Despreza diques — não ha resistência possível. Dominou, invadiu tudo, comprendes? Poderás, acaso, compreender a invasão? Mesquilha palavra, inútil pena. Odeio-as! Pode-se lá com a vida?

Agora o céu está puro e calmo.

# O «Bisturi» nos Esportes

(Conclusão da pág 12)

esportivas não perturbam em absoluto a aquisição de conhecimentos científicos profundos e exatos; que o pensamento ação, o estudo e o exercício, vontade disciplina, inflexibilidade e fortalecem indivíduo para a dura lida diuturna. Na vida prática, continuou o Dr. Tranchesi a brilhante trajetória esboçada nos bancos acadêmicos: discípulo dileto e assistente do grande Lemos Torres, Livre-Docente em 1940 pela Escola Paulista de Medicina, Chefe de Clínica do Hospital São Paulo, Livre Docente pela mesma Faculdade em 1944 classificando-se em 1.º lugar após memorável pleito, conquistou pelo seu talento, mérito honestidade profissional, clientela numerosa e dedicada. Concomitantemente ao hipertrofiar dos músculos e calejar das mãos nas duras refregas esportivas, desenvolveu tenacidade inquebrantável e vontade férrea de ânimo, que lhe permitiram desse modo enfrentar com otimismo e sucesso as agruras da carreira médica, ascendendo progressivamente na espinhosa profissão rumo ao Saber, Glória e Fama.

Que essa chama de entusiasmo energia a nós transmitida pelas gerações passadas, seja mantida alanceira impercível afim de que continue a tremular garbosa, vitoriosamente, nos campos esportivos e científicos a bandeira gloriosa de nossa Faculdade.

BILL

## A X.ª Mac-Med

De 26 de agosto à 2 de setembro, assistiremos a disputa dos jogos esportivos da X.ª Mac-Med.

Mais uma vez, irão defrontar-se as valorosas turmas da nossa Faculdade da Escola de Engenharia do Mackenzie.

Não há em São Paulo, e quiçá no País, competição universitária tão brilhante e tão já renomada como essa.

A Mac-Med é, incontestavelmente, a maior festa poli-esportiva de toda a mocidade bandeirante.

É nosso dever lutarmos pela vitória, ou, pelo menor, sabermos nos esforçar por alcançá-la.

O nosso adversário é forte e é digno. agora! Do preparo prévio e tenaz, para os esportistas nossos treinem muito, de a confiança da pelaja.

Os demais colegas que estimulem os nossos defensores, comparecendo às competições e bradando pelos nossos!

Façamos soerguer sempre mais a nossa bandeirinha branca e verde!

Nessa hora, ela é o nosso Centro! Ela é a nossa Escola!

## Agradecimentos

A Diretoria de Esportes do C. A. O. C. agradece ao Dr. Laerte de Moraes, pelas auxílios que prestou aos nossos esportistas e aos nossos esportistas, quando estava S. S. à testa da Diretoria Geral de Esportes do Estado. E espera receber a mesma consideração e simpatia da parte do novo Diretor Geral de Esportes, o Dr. José Ferreira Keffer.

A Diretoria de Esportes do C. A. O. C. agradece, penhoradamente, ao Dr. Prestes Maia, D. D. Prefeito da Cidade, e ao seu D. D. Oficial de Gabinete, Dr. Tito Franco da Rocha, as constantes benfeitorias que a Prefeitura vem fazendo pela nossa Praça de Esportes.

A Diretoria de Esportes agradece, também, ao Dr. Charles E. Corbett orientador de Natação, e ao sr. Alfredo Gheyrard, orientador de Polo Aquático, a dedicação e préstimos com que têm preparado as nossas turmas.

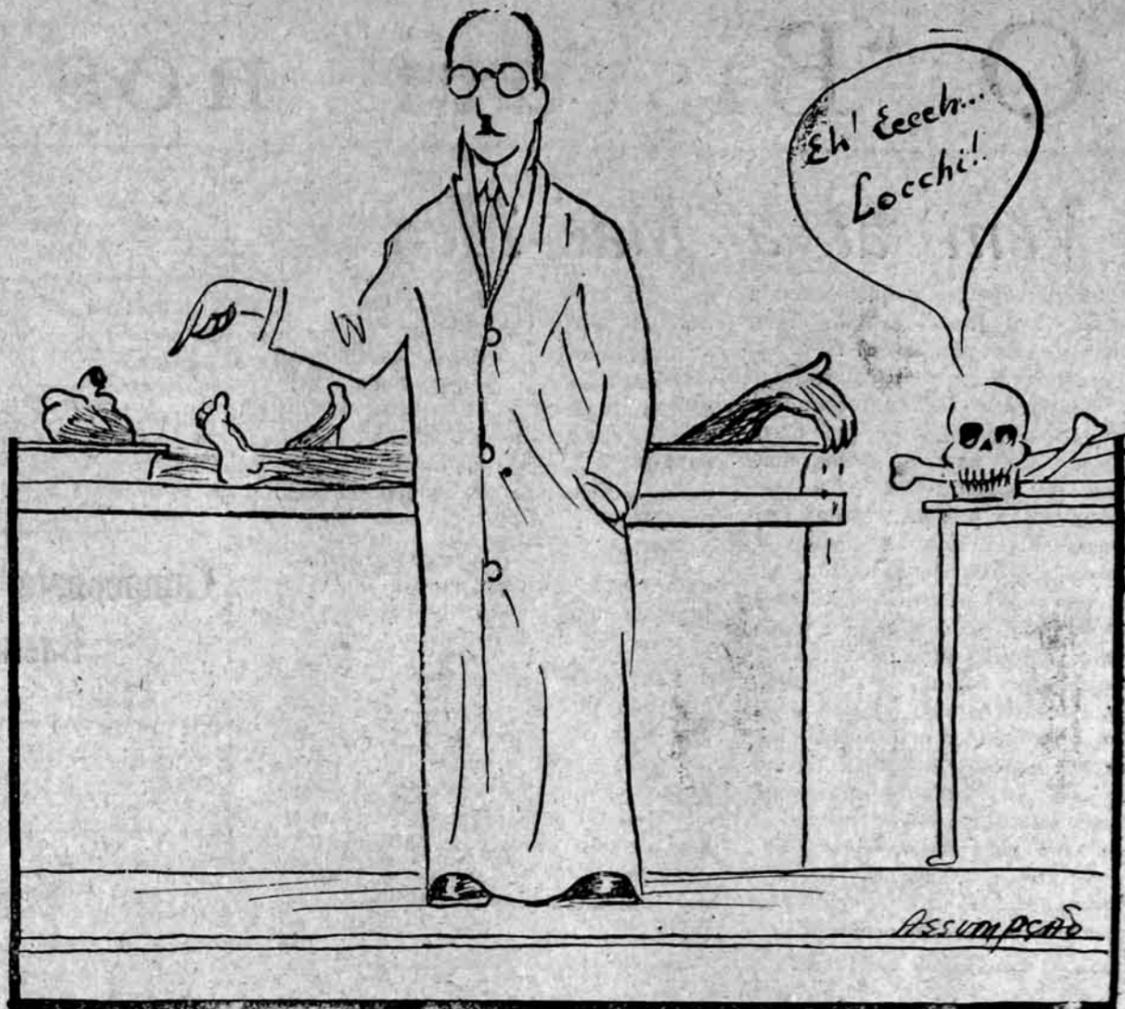
## FRASES CÉLEBRES

Não há dúvida, depois de Bovero e Locchi, eu o do sistema nervoso.

Aidar



(O Prof. Locchi, num desses dias deu o estrilo com os alunos do primeiro ano, pelo fato de um aluno dessa série ter riscado a parede da sala de Anatomia. Com muita razão o Professor considerou esse gesto um “risco agressivo”).



## «A... riscar» muito

São coisas de moço,  
Tentar num esboço,

Com traço severo  
Fazer meu perfil.

O que não toléro  
É o gesto banal  
Ou falta de juízo

Em traçar na parede  
Um risco agressivo!

Com muita razão  
Eu prego o sermão  
E aviso os senhores  
O exame está aí!

É os jovens “doutores”,  
Chiarugi e Testut

Quero re-los aqui  
Defronte esta peça  
Enfrentando a pelaja...

É A... RISCAR muito veja!  
É correr grande risco  
De lhes pregar uma peça,  
Em lhes dando um nota,  
Aproveitando pra essa  
O proprio risco do idiota!

## Ainda a moral médica

...Nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer crime”.  
Hipocrates

Quase que surpresas recebemos as admoestações, bastante justas aliás, de vários sexatistas os quais na cadeira de Medicina Legal regida pelo Prof. Flaminio Favero, recebem aulas de Deontologia Médica e Medicina Profissional. Conseguimos saber então do magnífico esforço que faz esse professor em sua cadeira de Medicina Legal, não só ensinando como incentivando o estudo dessa matéria tão descuidada em nosso meio. (Não é de estranhar um silêncio tão profundo em torno de princípios morais universais, decisivos por sua natureza para a profissão médica? —) Mais admirados ficamos ainda ao lermos em um de seus livros (1) o seguinte: ...“o curso de deontologia profissional foi inaugurado pelo Prof. Oscar Freire sob os auspícios do “Centro Acadêmico Oswaldo Cruz”, em 2 de abril de 1921 funcionando daí para cá, ininterruptamente. O programa do curso foi aprovado pela Congregação da Faculdade em 13 de novembro de 1920”.

Ora, isto tudo nos leva a uma pergunta: — Si a nossa Faculdade “cuida de ensinar médico como agir nos múltiplos casos de consciência que lhe ocorrem na vida prática” porque muitos profissionais não agem segundo os ensinamentos recebidos? — Tem-se que concluir o seguinte: 1.º) ou acham eles que: ensinar práticas anti-concepcionais, sustentar vícios de toxicomanias, praticar abortos, ou então negociar com laboratórios... etc., etc. são coisas todas muito justificáveis; 2.º) ou realizam isso tudo cientes do mal que praticam. Si acham justas aquelas práticas é que não conhecem verdadeiramente as razões porque são condenadas. Mas si, embora desaprovando, as ensinam ou praticam, então só nome de charlatões poderão ter; e para estes existe a sanção da Sociedade através poder civil a sanção da classe médica através as entidades representativas. E quanto aos que agem mal

porque encontram justificativas para suas ações, inclusive fator econômico, a esses só as luzes da sã moral poderá mudar-lhes o modo de pensar e, conseqüentemente, de agir si forem coerentes consigo mesmos. A’s mesmas conclusões chega o Prof. Flaminio Favero ao se referir à “terapêutica para este descalabro” da crise moral na medicina. São suas próprias palavras:

“Se o mal é moral vamos apelar para a cura específica. Ensinemos nas escolas médicas Deontologia profissional, teórica e praticamente pregando o bom exemplo e verberando, com o ferro em brasa de uma crítica sem piedade, o mau exemplo dominante. Façamos propaganda, pela imprensa de classe, dos bons princípios da moral profissional, exaltando as vantagens dessa higienização do exercício da medicina. Brademos, nas tribunas, nas associações médicas, pela premente necessidade de pormos um parapeito a esse descalabro e agindo de sorte a selecionar, na entrada, os candidatos às suas cadeiras de sócios e instituindo códigos de ética profissional (2) que obriguem eficazmente, por sanções severas, ao cumprimento dos seus dispositivos. Unamo-nos em sindicatos profissionais para defender os nossos interesses morais materiais. Peçamos aos poderes constituídos que selecionem melhor, científica e, sobretudo, moralmente os médicos estrangeiros que aportam às nossas plagas para concorrer conosco no exercício da profissão. Nessas bases, alicerçados no espírito de amor respeito ao próximo compendiados sabiamente na sublime moral das Escrituras (3), tenho a certeza de que melhores dias haverão de surgir — moral e materialmente para a nossa tão espeznhada medicina” (4).

Aí estão palavras candentes e chelas de verdade, trazendo para nós, estudantes e futuros médicos, um caminho a seguir e um trabalho a fazer, o que se sintesia admiravelmente no juramento do médico em obediência ao pai da medicina:

“Prometo que ao exercer a arte de curar me mostrarei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da caridade da ciência... nunca me

servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime. Si eu cumprir este juramento com fidelidade, goze eu a minha vida e a minha arte com boa reputação entre os homens e para sempre; si dele me afastar ou o infringir, suceda-me o contrário”.

(1 e 4) — “Noções de Deontologia Médica e Medicina Profissional” Flaminio Favero. 1942, pág. 26.

(2) — “Medicina Legal”. Flaminio Favero. 1942. Parte IX: “Contribuição para um anteprojecto de código de ética médica”, pág. 831.

(3) — S. Matthe. XXII, 39; S. Luc. VI, 31 (Cit. do autor).

JOSÉ C. FERRAZ DE SALLES

## FARRAPOS

O diabo depois de velho virou ermitão.

Zindel

O tempo passa, os anos passam e eu... continuo badalando.

Eros

Conosco é só na patologica-Piovesan (aschoff) e Oliveira (Virchow). A vida no Guarujá é outra coisa.

Bedrikov

Todo mundo usa bigode, só o meu é que não cresce.

Ademar Pacheco

Duas são as classes sociais: aspirantes e praça.

Ruí fardinha ex-camara lenta.

Adens Baudelaire, adens literatura! Estudemos Farmaco!

Builio

O meu fraco são as leishmanias — Beraldi, o Brumpt moderno.

Grão mestre da ordem do colete — Dom Manolo Munhós de la Vila Matilde Y Matilde.

Cirano de Bergerac

# “Bisturi” nos Esportes

## Vem ai a Mac-Med

É com imenso pesar que vimos a modesta e apagada figura do C. A. O. C. nas últimas competições.

Não que nos faltem reais valores mas devido ao descaso e a falta completa de entusiasmo e confiança por parte dos colegas, que nem ao menos comparecem às competições, para animar-nos com sua presença e seus braços de guerra.

Os raros esportistas da escola, são muitas vezes severamente criticados, sendo tidos com maus alunos e vagos, mas sobre quem pesa a responsabilidade de manter o nosso bom nome esportivo. Contudo o bom esportista demonstra compreendendo claramente que o esporte é a melhor distração da mocidade. Esta prática salutar necessária para o equilíbrio entre corpo e alma, concorre para desenvolver a força de vontade, a resistência física e a disciplina. Há ainda a oportunidade de um convívio mais íntimo entre co-

legas de todos os anos tão útil na carreira que abraçamos.

Temos um belo estádio, mas que não é frequentado senão por uma minoria de alunos. E porque? Porque existem exames e sabatinas? Então nesta Faculdade é impossível fazer um bom curso praticando um pouco de esporte?!!!

Colegas, vençamos este desânimo, não nos afoguemos nesta água estagnada, onde não há a mínima reação.

Vençamos esse repulsivo complexo que não podemos ganhar a próxima Mac-Med. Treinemos com afinco, concorrendo para o maior êxito desta grande competição ou então a veremos sobrepujado por competições homônimas demonstrando nossa fraqueza.

Temos tradições gloriosas a defender. Defendamo-las com orgulho e entusiasmo.

## Campeonato Interno de Futebol

Realizou-se nos meses de abril e maio, o tradicional C. I. de Futebol, tomando parte, algumas representativas de todos os anos na nossa Faculdade.

O campeonato caracterizou-se pela disciplina e espírito esportivo de que estavam possuídos todos os colegas que nele tomaram parte.

“Todos aqueles que presenciaram os jogos deste torneio, notaram a presença de colegas que muito poderiam fazer pelo bom nome esportivo da nossa Faculdade, mas que levados por uma procrastinação, cujas raízes estão certamente naquele septicismo nas próprias forças adj. UETAOIN proprio dos vencidos, e que jamais confiaram nas próprias forças negam para si mesmo a possibilidade de realizarem algo apreciável.

Para esses colegas, diremos que a nossa completa praça de esportes, não nos abriga somente nas épocas de realização de campeonatos internos, mas que continuamente está aberta para aqueles, cujas qualidades técnicas poderiam ser aproveitadas, para a formação de uma equipe esportiva digna do bom nome que nos foi legado pelas gerações dos que passaram.

A equipe vencedora, patronada pelo Prof. Edmundo Vasconcelos foi a do 4.º ano, que através de uma atuação brilhante durante todo o decorrer do campeonato, mereceu o 1.º posto.

Os jogos realizados pelos campeões foram:

- 4.º ano X 2.º ano — 3 X 1
- 4.º ano X 1.º ano — 4 X 1
- 4.º ano X 5.º ano — 3 X 1

Os campeões são os seguintes: Aluizio, Tranca, Diogo, Munhoz, Palmiro, Duarte, Luiz, Chamas, Washington, Ludonice, Manlio, Abreu, Vaqueiro e Píriolo.

A turma vice campeã foi a do 5.º ano, representado pelos seguintes elementos: Helio, Sérgio, Asaú, Mangioni, Brötto, Massaro, Bello, P. Prado, Curti, Gherardi, Doria, Caricchio, João e Mazza.

### CILINE

## Campeonato Interno de Nataçao

O Campeonato Interno de Nataçao do presente ano revestiu-se de características excepcionais pois tratava-se da despedida do atual 6.º ano cuja turma durante 8 longos anos brilhara sobre todas as outras. Festejando tal acontecimento, os doutorandos desafiaram nada

mais nada menos do que todos os outros anos. Destacamos aqui o aparecimento do nadador Heimel no Gusmão que durante todo o curso não sei como pôde esquivar-se de competir. As provas foram disputadas arduamente e a vitória somente coube à turma da Escola após a realização da última prova. Não fosse a calma de que foi acometido o nadador Takaoka, sem dúvidas, os doutorandos teriam sido os vencedores. Despediu-se assim num ambiente de franca camaradagem “equipe” de nataçao por excelência que deixará um “vácuo” nos Esportes Aquáticos do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Fazemos votos para que o mesmo seja logo preenchido porque a valorosa turma do Mackenzie não tem dó nem piedade (dos fracos).

Na “equipe” dos doutorandos, é justo que se destaque o notável esforço desempenhado por Musa e Takaoka, que participaram com êxito da quase totalidade das provas, não medindo sacrifícios para conquistarem maior número. Da turma dos representantes dos demais anos, destacaram-se pelo ardor com que se empenharam, os nadadores Mario Montenegro, Cicero, Paulinho e Plínio.

A direção das provas, como não podia deixar de ser, esteve a cargo do Charles — aliás do professor Dr. Charles Edward Corbett — o incansável e abnegado animador da nataçao do CAOC.

### RESULTADO

- 1.ª prova: 100 mts., nado livre.
  - 1.º lugar — Takaoka (6.º ano) — Tempo: 1' 14".
  - 2.º lugar — Paulo
  - 3.º lugar — Montenegro
  - 4.º lugar — Musa (6.º ano).
- 2.ª prova: 200 mts., nado de peito.
  - 1.º lugar — Yazaki — Tempo: 3' 54"
  - 2.º lugar — Junqueira
  - 3.º lugar — Rufino (6.º ano).
  - Yahn (6.º ano) — Desclassificado.
- 3.ª prova: 100 mts., nado de costas.
  - 1.º lugar — Musa (6.º ano) — Tempo: 1' 32"
  - 2.º lugar — Takaoka (6.º ano).
  - 3.º lugar — Cicero
  - 4.º lugar — Faria.
- 4.ª prova: 50 mts., nado de peito.
  - 1.º lugar — Plínio — Tempo: 41" 6/10.
  - 2.º lugar — Yahn (6.º ano)
  - 3.º lugar — René
  - 4.º lugar — Horo (6.º ano).
- 5.ª prova: Revesamento 4 x 50 metros, nado livre.
  - 1.º lugar — Turma da Escola: Montenegro, Chamberlain, Ubira Paulo. Tempo: 2' 21".
  - 2.º lugar — Turma do 6.º ano: Gusmão, Yahn, Musa e Takaoka.
- 6.ª prova: 50 mts., nado de costas.
  - 1.º lugar — Musa (6.º ano) — Tempo: 48" 8/10.
  - 2.º lugar — Cicero.
  - 3.º lugar — Takaoka (6.º ano).
  - 4.º lugar — Sérgio.
- 7.ª prova: 400 mts., nado livre.
  - 1.º lugar — Takaoka (6.º ano) — Tempo: 7' 17".
  - 2.º lugar — Montenegro.
  - 3.º lugar — Paulo

4.º lugar — Gusmão.  
8.ª prova — Revezamento 3 x 50 mts., três est. los.

- 1.º lugar — Turma da Escola: Cicero, Plínio e Paulo. Tempo: 2', 50" 4/10.
- 2.º lugar — Turma do 6.º ano: Musa, Yahn e Takaoka.

### CONTAGEM GERAL

- 1.º lugar — Escola — 96 pontos.
- 2.º lugar — 6.º ano — 87 pontos.

(SH) shrdlu etaoin shrdlu etaoin shrdlu mththe

## Campeonato Interno de Basket

Como foi amplamente noticiado, realizou-se em fins de abril o campeonato interno de Bola ao Cesto de 1944.

Este torneio, cuja organização impecável esteve a cargo do diretor da seção, o popular Gecei, esteve muito animada, tendo despertado um grande interesse.

Com exceção das turmas do 5.º e 6.º anos, que não compareceram, todas as demais se apresentaram com grande animação.

A partida travada entre o 1.º e o 3.º ano, que são velhos rivais neste esporte, foi disputadíssima e o entusiasmo cobriu as falhas que por ventura existissem entre as equipes.

Saiu vencedor o 3.º ano pela contagem de 29 a 28 pontos.

A partida disputada entre o 2.º e o 4.º anos revelou a alta classe dos participantes, sendo que a vitória desta vez sorriu aos secundaristas que se apresentaram em grande preparo técnico, pelo “score” final de 43 a 38 pontos.

A finalíssima reuniu o 2.º e o 3.º ano, numa partida em que os terceiro-anistas opuseram uma grande resistência, não deixando abater o seu entusiasmo, mesmo quando o placard lhes era totalmente desfavorável.

São estes os novos campeões da Escola no esporte da cesta:

Ubiratan, Cotrim, Lotufo, Silvio, Branco, Terrieri, Acacio, Alvaro, Renato e Mauro. Lamartine, Ubirajara, Ayres, Venancio, Piza, Montessanti e Bob são os vice-campeões.

As 2 turmas foram premiadas com artísticas medalhas.

Ao Silvio, o cestinha do torneio, foi também oferecida uma medalha pelo secretário do Departamento Esportivo.

## Tenis

Após as memoráveis tempos de Sylvio Book e Finoccriaro, o nosso tennis tem sofrido amargas e consecutivas derrotas contra os fortes tenistas do Mackenzie.

A atual Diretoria de Esportes do C. A. O. C. sob a direção de Gherardi, está procurando surpreender os “vermelhinhos”, incentivando desde já os treinos para o próximo Mac-Med.

Estão sendo realizados “secretamente” nas quadras do S. E. Palmeiras sob a direção do competente técnico Eduardo Envisber, às 2.ªs e 6.ªs feiras, os preparativos para o próximo embate, contado este ao com ovos elementos de valor.

Apelamos aos “velhos” tenistas tais como Escorel e outros a cooperarem, vindo desferrujas as articulações escapulo-hemenais para o reergimento do nosso tennis, que de há muito tempo vem sendo a “negociação” entre todos os esportes.

## Futebol

### FUTEBOL

Realizou-se em princípios de Junho, o primeiro encontro futebolístico entre os fortes esquadões do seccionado dos Dependentes F. C. e Catedráticos E. C. Trata-se de um jogo atraente, não só pelas formas atuais dos contendores, como também por se tratar de melhor de tres. As partidas se realizarão nas canchãs do E. C. Anatomia Descritiva, Atlético Fisiologia e Patologia de Desportes. Os quadros alinharão:

### ENTES

Terres; Lotufo e Alvaro; Aparicio, Fontana e Peara; Tanga, Aurelio, Polizini, Pontes e Tomchinsky.

Reservas: Rubens, Osias, D'Agostini, Zindel e Branuão.

### CATEDRÁTICOS

Locchi; Nhá Mota e Xlór; Odorico, Calazans e Tibz; Orsini, Alberto, Aidar, Franklin e Nevio.

O trio final dos catedráticos é de véras conhecido e espera-se que volte a brilhar. Por outro lado, o quinteto atacante dos Dependentes não é das piores. Atuará o jogo o sr. Farias ex-craque do Paulistano. Fará a reportagem o conhecido escritor Silvio Laurindo.

X P T O

## Polo Aquatico

A Diretoria Esportiva da Escola, este ano tem primado por uma movimentação bem orientada de todos esportes, visando o reergimento do nosso nome esportivo.

Assim a exemplo das outras seções, a nossa turma de pólo está se preparando com afinco, para poder apresentar na MAC-MED e na Olimpíada Universitaria Paulistana um padrão de jogo que esteja á altura de nosso cartaz esportivo.

Para tanto têm-se realizado repetidamente jogos com os rapazes da Escola Paulista.

Além disso está na cogitação da diretoria da seção a realização de jogos com o Saldanha em Santos, Tennis Club, a A. D. Floresta.

A turma com que poderemos contar este ano é a seguinte:

Abreu, Junqueira, Musa, Yahn, Takaoka, Pinta, Marcos, Horacio, Paulinho, Plinio, Ubirajara, Rene, Cicero e Eros.

## Remo

Com grande entusiasmo têm se realizado ultimamente na A. D. Floresta, os treinos de nossas quatrições para próxima Mac-Med. Numerosos colegas têm comparecido assiduamente tudo faz crer que o Remo na Faculdade retornará em breve aos seus aureos tempos de glória e prestígio.

As excursões projetadas aguardam apenas que atinjamos um razoável nível técnico, e é nossa idéia realizar um inédito Campeonato Interno entre duas turmas pelas quais nossos valores serão equitativamente distribuídos. Lamentamos apenas a criminosa indiferença de alguns colegas mais experimentados que poderiam contribuir decisivamente para o sucesso integral de nossas cores. Bem sabemos que só motivos fortes e imperiosos determinariam tal atitude, todavia cremos que uma parcela mínima de esforço boa vontade eliminaria todas as dificuldades. Aqueles que assinaram nosso Livro de Remo, e por qualquer motivo não mais quiserem treinar, poderão, sem desculpas esfarapadas, dirigir-se ao Diretor da Seção, pelo qual serão amavelmente dispensados, pois pretendemos treinar rijamente e medalhões relapsos ou críticos derrotistas apenas perturbarão a marcha ascensional de nosso trabalho.

O Dr. Bernardino Tranchesi, que recentemente conquistou com raro brilho Livre-Docência pela nossa Faculdade, eterno praticante admirador desse salutar esporte, procurando estimular os atuais acadêmicos, acaba de oferecer valiosas medalhas serem distribuídas a critério do Departamento. Gesto raro e de grande oportunidade nesta fase de reergimento esportivo da Faculdade e que só poderia partir de quem como ela tem acompanhado pari-passu nossas atividades náuticas. Batalhador tenaz dos interesses do CAOC como 2.º secretário, organizador da Regata Estudantina de 1935, vencedor do Campeonato Acadêmico de Remo, Campeão Universitário de Futebol, foi sempre paladino e pioneiro de nossas lutas desportivas. Assistente de Física do Colégio Universitário, dotado de sólida e ampla cultura médica e geral, demonstrou que as práticas (Conclua na pág. 11)